

## Defensã da

*Diod. l. 3.* constituindoa por Metropoli, & cabeça de sua Monarquia, segundo diz Diodoro lib. 3. Com a ausencia dos Reys, & enchentes do rio Euphrates, se foy pouco, a pouco destruindo, té que Nabuc Donosor a restaurou, ornandoa de edificios nobilissimos, & restituindoa a sua dignidade, & grandeza antiga, fazendoa cabeça do Imperio como dantes era, & por este respeito se gloria de a edificar.

Trouxe as fundações, principios, & nomes destas Prouincias, pera mostrar, que assim como ellas em diuersos tempos tiuerão nomes de edificadores diferentes, assim o teue o reyno de França; & assim como não he bom argumento dizer, Athenas, chama-se assi del Rey Athena: Persia, de Perses, Inglaterra de Anglo, Lacedemonia de Laomedon, logo estes forão os primeiros que fundáraõ estas Prouincias: assi tambem não côclue o autor do Exame com dizer, França tem nome de Franco filho de Hector, logo elle foy o primeiro que a fundou. Porque bem lhe confessamos, que de Franco tem o nome de França, porem não os primeiros fundamentos. Mas como não basta dizer sem prouar, peço ao autor do Exame não se occupe tanto com o seu Iosepho, Mela, Solino, Plinio, & outros deste toque, que não dé de quando em quando, ao menos hũa hora aos nossos escriptores Espanhoes, inda que não seja mais que por recreação. Porque se lera a frey Ioaõ de Pineda, na sua Monarquia primeira parte lib. 1.

*Pined. l. 1. capit. 24.* não assentara com tanta facilidade hũa conclusão a seu parecer, mais que firme, dizendo foy Franco o primeiro que fundou o reyno de França; & pera que veja quam Norte Sul vay da verdade desta historia, ouça estas palauras formais de Pineda, que saõ as seguintes: *Dende*

*Ibidem.* *que Samothés, diz elle, fundó el reyno de los Franceses hasta que*

que el nombre Frances en ella sonasse, passaron nuevecientos nouenta y un años, quando dize Manethon, que Franco hijo de Heçtor le puso su nombre reynando alli. Llamaronse los Franceses Samotheos, deste Samothes, y Celthas de Celthe, y Galacios de Galate, y de Belgio, Belgas. Fue Samothes hermano de Nuestro Thubal, y fundò en la Francia en el mismo año, quando Thubal en Hespaña, y afirma Beroso, que no se allò en su tiempo hombre mas sabio que el, y por esso le llamaron Samothes, conforme a lo qual dize Dio Diog. l. i. genes lib. i. de vita & moribus Philosophorum, que algunos de vit. & tuuieron que la Philosophia emanò de los Barbaros, y que mor. Phi- los Persas la deprehendieron de los Magos. Estas mesmas losoph.

palauras traz o Doçtor frey Bernardo na sua Monarquia Lusitana, sem mais differença, que serem as de Pineda em lingoa Castelhana, & as do nosso Britto em Portugueza. Porem pera procedermos com mór clareza porei os Reys que foraõ em França antes de Franco, pella ordem em q os vay pondo hum historiador Espanhol na vida de Pipino titulo 14. litera, P, o qual começa assim: tresladando fielmète no nosso lingoajem Portuguez. Este reyno, conforme afirma Beroso lib. 5. teue principio de hum Ca Beroso pitão chamado Samotes, & por outro nome, Diz, filho de fol. 108. Iaphet, & neto de Noé, & irmão do nosso Thubal, que pouco antes tinha fundado o reyno de Espanha. Este Samothes foy o mais sabio varaõ, que ouue naquella idade. As palauras de Beroso saõ as seguintes. Anno eius duode- Beroso. cimo Iubal condidit Celtiberos, & paulo post Samothes qui fol. III. & dis, Celtas colonias fundauit; neq; quisquam illa atate, isto sapientior fuit, ac propterea Samothes dictus est. Por morte deste Samothes, locedeo Mago seu filho, morto el-Rey Mago depois de fundar muytas cidades, como afirma Beroso, dizendo: Nini 51. anno, apud Celtas regnauit

## Defensã da

- Samothis filius Magus, a quo illis oppida plurima posita sunt.* Entrou no gouerno do reyno Sarron, de quem diz Beroso, que instituio estudos publicos, pera com as letras refrear a ferocidade dos homês: as palauras de Beroso saõ as seguintes: *His temporibus regnavit apud Celtas Sarron, qui ut contineret ferociam hominum, tum recentum, publica litterarum studia instituit.* A Sarron socedeo Dryò taõ sabio como nos cõtaõ as Chronicas Francezas, & o mesmo Beroso. O quinto Rey foy Bardo famosissimo entre os Francezes por ser inuentor dos versos & musica. O sexto longon, a quem socedeo Bardo junior, depois do qual reynou Luco cujo successor foy Celtes, & deste Rey se chama hũa parte de França Celtica, a qual se diuide dá Belgica com os rios Matrona, & Sequana, & da Aquitania no rio Garumna, como escreue Iulio Cæsar no principio de seus comentarios, depois da morte de Celtes foy senhor desta Prouincia Galathes filho de Hercules Libio, que ouue em Galathea, quãdo deixando em Espanha por Rey a Híspalo, passou por França, pera se tornar a Italia. Deste Galathes se chamou a Prouincia Gallia, como diz Beroso liu. 5. nestas palauras. *Galathes a quo Samothis Galli dicti regnavit apud Celtas.* Por morte deste Principe reynou Narbon, de cujo nome se chamou a cidade & a Prouincia de Narbona. De Narbon foy successor Lugdo, no tempo em que reynaua Mancaleo 14. Rey dos Assirios, & Sicoro filho de Athlante em Espanha, que foy conforme aos auctores que vou seguindo 682. annos depois do diluuiõ vniuersal. Do nome deste Rey se chamou o reyno todo de França Lugdunia, & os Reys Ludouicus, ou Lugdunhos, & a cidade de Leão principal em França Lugdunho, o que faz muito por Beroso, que affirma tomaraõ, assim a Prouincia como os homês della o nome de

Beroso  
fol. 133.

Beroso.  
fol. 138.

Beroso.  
fol. 140.

Beroso.  
fol. 150.

Beroso.  
fol. 155.

Beroso.  
fol. 158.

fol. 64.  
Casar in  
Cõment.

fol. 179.

Beroso. l. 5.

fol. 184.

fol. 188.

Beroso.

de Lugduno. A este Rey succedeo Belgio, do qual se chamou a Prouincia Belgia. O decimo quarto Rey foy Iasio, por cuja morte tomou o Principado Allobrox, & delle se chamarão certos povos de França, Allobroges, que agora são os do Ducado de Saboya, entrou em seu lugar Romano, de cujo nome tomou o seu a cidade de Roaõ. A este se seguiu Paris fundador da insigne cidade de Paris. O decimo oçtauo Rey foy Lemano, a quem se seguiu Olbio, como diz Manethon. A este succedeo Galathes junior, que tendo guerra com os Sarmatas os venceo, & fundou em Asia os povos chamados Galatas, segundo affirma Manethon nestas palauras. *Apud Celthas; Galathas junior, qui vicit Sarmates, & condidit Galathas, Asia.* Depois do qual governou o reyno dos Francezes Namnes, cujo successor foy Rehmo, que deu Principio á cidade de Rehmes. Este Rey começou a reynar trinta & hum annos antes da destruição de Troya. Aos sete annos depois de ser destruida aconteceo que franco Filho de Hector navegando pello mar Euxino, & lagoa Meotis, veyo a Scythia donde como affirma Gagino no compendio da historia Franceza, edificou hũa cidade chamada Sicambria: cujos moradores são chamados Sicambros, & ficarão sogeitos ao Imperio Romano té o tempo de Valentiniano Caesar, que os Alanos começarão a molestar o Imperio, por cujo respeito mandou o Emperador publicar hum edicto, em que prometia dez annos de liberdade a todos aquelles que repremissem a ferocidade dos Alanos. Mouidos os Sicambros com a grandeza do premio, tomaraõ as armas, & á força dellas os venceraõ, & lançaõ fóra da terra ficando liures por dez annos do tributo que pagauão, & deste tempo se começarão a chamar Francos em lembrança deste Rey Franco. Mas como pas-

fol. 196.

fol. 196.

fol. 203.

fol. 212.

fol. 214.

fol. 219.

fol. 222.

fol. 224.

Manethõ

fol. 225.

fol. 230.

Gagino in

comp. hist

Franc.

## Defensão da

sados os dez annos, os Emperadores Romanos lhe tornas-  
sem a pedir o tributo, & a posse, & discustume de o não  
pagar os fizesse mais ouzados, não quiseraõ obedecer, pel-  
lo que lhes foy necessario valerse das armas, & leuando  
por Capitães dous excellentes principes, do antigo no-  
me, & geração Troyana, chamado hum delles Priamo, &  
o outro Antenor, derão batalha aos Romanos com me-  
nos venturoso successo do que esperauão, pois perderão  
nella seus Capitães, por cuja morte ellegerão a Marco-  
medes, & a Sinion, filhos de Priamo, & Antenor que os  
gouernassem, & vindo com elles a Germania, & pouoã-  
do certa parte della a chamárão de seu nome Franca, a  
qual he propriamente aquella Prouincia que assima dis-  
femos chamarse Celtica: donde o primeiro Rey que tiue-  
rão foy Ferramôdo filho de Marco medes. Eis aqui a ver-  
dadeira historia dos Rey:, & Principes de França, & se o  
autor do Exame lera os liuros que a contão não se cansa-  
ra tanto. Porque nós não lhe negamos tem França o no-  
me de Franco: mas dizemos foraõ mais antigos seus prin-  
cipios nouecentos & nouenta & hum annos. Nem a Mo-  
narquia Lusitana aponta a Caesar no sexto de seus Comê-  
tarios pera prouar vieraõ os Francezes de Samothés, co-  
mo quer o Exame que elle diga, não no dizendo, senão  
tratando o doçtor frey Bernardo como os Francezes eraõ  
muy nomeados por sua sabedoria & letras, diz estas pa-  
lauras: *Do que os louua muito Aristoteles, & Diogenes*  
*Arist.* *Laercio contandoos entre a gente que no tempo antigo foy*  
*Diogenes* *celebre em letras, o parecer dos quaes aproua Caesar em seus*  
*Cesar.* *Comentarios, dizendo que os Francezes tinham noticia de*  
*letras aua muitos annos &c.* Desta colocação de pa-  
lauras, & ordem de historia bem pòde julgar qualquer en-  
tendimento, que allegar a Monarquia com Caesar he so  
pera

pera prouar tinhão os Francezes letras, & não pera mostrar procedião de Samotes; & assi não fica correndo a autoridade que o Exame traz de Caesar contra a Monarquia, nem nos proua nada com ficções de Poetas, que elle mesmo tanto abomina. Pello que ouuera de deixar Plutão, Iuno, Neptuno, & Iupiter, com outras ficções poeticas pera os Mathamaforsios de Ouuidio, & não querer reprovar com Deoses fingidos historias verdadeiras.

C A P I T V L O XIII.

*Segue-se a mesma materia, & examina-se hũa autoridade de Calio Rodiginio, com outras de Diogenes Laercio, Boemo, & Caesar.*



QVATRO cousas ha de tão grande valia & preço, que pódem de hum catiuo fazer hum grande senhor: Doctrina, Verdade, Confiança, & Amor: & assim perguntando a hum Philosofo, quem se podia chamar verdadeiramente senhor; respondeo, que aquelle que assi mesmo se tinha em pouco, & era estimado dos outros em muyto: O que se sabia vencer quãdo estaua irado, & não deixaua de fazer bem a quem o tinha ofendido: O que resistia a sua enueja, & ajudaua & fauorecia aos que tinhaõ necessidade de seu fauor. Sabe Deos quanto sinto persuadirse algũa pessoa não satisfaço com algũas destas jobrigações, porque bem sei que a charidade, & amor perfeito, cõlste no sofrimento, & paciencia que se tem com aquillo que se aborrece: pello que bem pudera eu deixar de responder ao autor do Exame das antiguidades, o que realmente fi-

## Defensão da

zera se o liuro que compoz fora contra mim; mas assim como se não conhece hũa condição branda senão no tempo da ira, nenhum animo esforçado senão na occasião da peleja, assi tambem não se experimenta hum amigo, senão no tempo da necessidade, & pois o doctór frey Bernardo o foy meu em vida, não he justo falte eu em acudir por sua honra depois de sua morte: & ja que a promessa no animo nobre he diuida conhecida, não posso deixar de hir áuante no que hũa vez prometi, porque o prometido, & não cumprido he auareza, & engano, & a auareza he filha da ignorancia, & o engano da vilania, & se no q̄ sabe prometer as palauras haõ de ser obras, examinemos tres autoridades, que o autor do Exame tras contra a Monarquia, pera prouar trazem os Francezes seus principios não de Samothés filho de Iaphet, senão de Plutão Rey do

*Rodog. l. 18.* inferno. He a primeira de Cælio Rodoginio liuro 18. *Gal-*  
*lorum*, diz elle, *illud proprium à Dite patre se prognatos ar-*

*Boemo. l. 1.* *bitrari*. He a segunda de Ioão Boemo lib. 2. onde se diz:

*Se ex Dite patre procreatos persuasum habuere*. He a terceira de Cæsar, dos quaes trata pelo mesmo modo. Querê dizer tinhaõ os Francezes pera si procediaõ de hũ homê chamado, Diz, do qual imaginauaõ que procediaõ, & posto que o autor do Exame quer, que por aquellas palauras, *Ex Dite patre*, se entenda Plutão Rey do inferno: doutra

*Viterb. de reg. Bab. fol. 102.* maneira as entende Ioão de Viterbo de Regib. Babilonia fol. 102. Onde prouando como dos Francezes aprenderaõ os Gregos as sciencias, faz esta conclusaõ. *Ergo*

*Cæs. l. 6.* *quoniam Gallij utebantur literis, quibus & Graci ut testatur Cæsar in sexto libro Comētariorum, easq̄ à Samothe patre Dite habuerunt &c.* Bem claramente se infere destas palauras, chama Ioão Annio a Samothés, Diz, & pay dos Francezes, & quando Cæsar, Boemo, & Rodoginio tratão delle,

delle, não affirmão ex propria sententia, que os Francezes tragão de Plutão seus principios, nem fazê outra cousa mais que refirir, a oppinião, ou ignorancia que entre elles corria, enganando os seus Droidas, leuados dos respeitos, que lhe melhor estiueſsem. E não he cousa noua fazer o interesse semelhantes maravilhas, porque da sagrada Escritura sabemos nós que os Sacerdotes de Babilonia persuadirão a el Rey Balthazar, & aos moradores da cidade & reyno, que o seu Deos, antes demonio Bel, comia, por cujo respeito lhe deixauão todas as noites muita copia de comida, & vindo os sacerdotes por hũa porta falsa que pera isso tinhão, leuauão, & comião tudo quanto achauão. Quanto ao que toca ao Rey, & a seus vassallos, persuadidos estauão comia o seu idolo; sendo assy, q̃ na realidade da verdade era hũa grande mentira, & engano: té que Daniel os liurou delle, com a inuencão da siza. Da mesma maneira em seu tanto os Droidas metião em cabeça aos Francezes procedião de Plutão, posto que na substancia era hũa grande falsidade, & assi como Daniel conta esta historia, & nem por elle a contar, he verdade que o idolo comia, senão que os Sacerdotes vsauão daquella inuencão enganosa pera seu proueito: assy tambem, nem por Caelio, Boemo, & Caesar, dizerem que os Francezes tinkão pera sy, que trazião sua geração de Plutão, se segue, que estes autores o affirmem, senão contão o que passava entre entre elles, sem affirmar que assim era, & assim fica o Exame das antiguidades sem nenhum autor, que diga, nem faça por sua oppinião. Quanto mais, q̃ Beroso no seu quinto, com João Annio Viterbense, no mesmo lugar, & Guilhelmo Rauilio, no promptuario dos Retratos, escreuem que Samothés se chama Dis, pello que quando lemos em Boemo, Caelio, & Caesar: *Se ex dite pro-*

*Dan. c. 14.*

*Beros l. 5.  
Annio eo-  
dem loco.  
Guiliel.  
Rauil. no  
pröpt. dos  
creatos, retratos.*



## Defensão da

Boem. l. 3

*creatos, per sua sum babuere:* não auemos de entender Plutão, senão Samothés, chamado por outro nome Diz. Nem faz contra isto Boemo na autoridade, & palauras que se seguem: *Ob idq̄ initio festorum dierum, ab ea nocte capere, qua festam lucem precessisset.* As quaes explica o autor do Exame desta maneira. *Os Francezes em lembrança daquelle Dis, de quem se tinham por descendentes, fazião mais caso das noites que dos dias, por respeito de Plutão Rey do inferno, a quem erão as noites dedicadas &c.* A exposição he tão engenhosa, como são todas as suas, mas se de começarem a festejar as suas festas, pella vespora, & noite do dia se segue que tinham por pay a Plutão Rey do inferno, apello ante omnia, por todos aquelles que professamos a ley Euangelica, porque toda a Igreja Catholica começa a festejar as festas pellas vesporas do Santo, que ao outro dia se celebra, & mais todos nós temos por pay ao Senhor do Ceo, & da terra, & não a Plutão ministro do inferno. Porém estes deoses, Plutões, Saturnós, & Proserpinas, são fabulas, & ficções poeticas, & não quererá o nosso autor as mesturemos com historias verdadeiras: o que mais larga, & distintamente prouaremos no capititulo 17. ao qual remetto o leitor pera ver este ponto.

Pineda

Mon. Ec-

cles. 1. p.

Diz mais a Monarquia Lusitana, tomando de frey João de Pineda na sua Ecclesiastica, forão os Francezes muy celebrados por sua grande sabedoria: proua isto com Diogenes, Laercio, & Aristoteles: sae o Exame das antiguidades com suas contraditas, & por se liurar de linguas de gentes, não diz mais, nem menos, senão afirmar que nunca tal disse Diogenes, dando por razão, que as palauras de Laercio não são affirmatiuas senão duuidosas. Pera que qualquer pessoa possa julgar a verdade desta historia, será necessario trazer as palauras de Laercio, o qual

no

no liuro primeiro diz assi: *Philosophiam à Barbaris initia sumpsisse pleriq; autumant. Nam Persis, Magos: Babilonijs, & Assirijs, Chaldeos: Indijs, Gymnosophistas, Celtis, seu Galis, Druides, & qui Samothei appellantur eius rei fuisse auctores ait Aristoteles.* Quer dizer, muitos affirmão que a Philosophia teve principio dos Barbaros (nome era este com que os Gregos chamauão a todos aquelles que não erão de sua nação) os Persas chamauão aos seus sabios, & Philosophos, Magos: os Babilonios, & Assirios, chama- uão he Chaldeos: os Indios, Gymnosophistas: os Celtas, ou Francezes, Droydas: & Aristoteles diz, que os Samo- theos forão autores da Philosophia. Destas palauras bem se deixa entender, que se não contenta Laercio com afir- mar o affirmão muitos (que isto em rigor quer dizer, *au- tumant*) mas aponta por sy em particular o Principe da Philosophia Aristoteles, confessando que os Samotheos fo- rão autores della: & só a autoridade de Aristoteles baf- taua pera não auer mais que replicar; & quando Dioge- nes Laercio traz em proua de sua oppinião a sentença de tão grande Philosopho, bem mostra que esta he a sua. Con- firma esta verdade com muy largas prouas, Ioão Annio *Annio sup* Viterbense sobre o quinto de Beroso, dizendo, *Orpheus, & 5. Beros.* *Linus, & Muscus, quos primos Gracia philosophantes, & theologizantes faciunt, fuerunt paulo ante Troya excidiũ, quia Orpheus, cũ Hercule, & Argonautis nauigauit, & præ- ceptores Herculis fuerunt socij Orphei Linus Thebanus, & Muscus Atheniensis, vt omnes Graci conscribunt.* Quer di- zer. Orpheo, Lino, & Musco, que saõ os primeiros Philo- sophos, & sabios que florecerão em Grecia, forão pouco antes da destruyção de Troya, porque Orpheo foi com os Argonautas em companhia de Hercules, & os mestres de Hercules, Lino, Thebano, & Musco Atheniense, forão

companheiros de Orpheo, como confessaõ todos os historiadores Gregos, & assim diz o Viterbenfe, a Philofophia floreceo em França, & na nossa Eſpanha ſetecentos annos primeiro que em Grecia. Hum eſcrupulo, a meu ver bem engraçado, fica neſta materia ao noſſo apurador das antiguidades, porque parecendolhe não tinham baſtante probabilidade as razões que traz contra a Monarquia Luſitana, ouza a dizer não eſtá em Diogenes Laercio Samotheos, ſenão Semnotheos, & aqui vai com hũa diriução de nomes, dizendo, que Semnothei vem de Semneũ, que quer dizer lugar de veneração, ou o que mais for ſeruido; & porque lhe pareceo não era eſta ethymologia muy concluyente, nem ficaua frizando com ſua vontade, reſolueſe em affirmar eſtá o lugar de Diogenes adulterado. Assim que por hũa parte quer eſteja viciado Diogenes, & por outra, que a mudança que elle faz forjada em ſeu proprio entendimento de hum, A, em hum, E, acrescentando hum, N, faſſa dizer lugar de veneração, & não Samotheos descendentes de Samothēs, como eſtá em Diogenes, & não lhe lembra a pouca importancia deſta mudança de letras em materia de nomes propios; porque os Cosmographos, aſſim Gregos como Latinos, chamão ao promontorio Vlyſipponenſe, hũs Artabro, como Solino cap. 26. outros Arotrebo, como diz Mariana lib. 3. cap. 39 & nem por eſta mudança de letras ficão ſendo dous promontorios differentes, ſenão hum ſo. Bem differente nome he Carteia de Tarreſſa, & com tudo he hum ſo lugar, que he Tarifa, como affirmar Tarapha lib. de Reg. Hiſp. anno ante Chriſt. 1458. E Geropio Bacano, dizendo: *Argantonius ut Herodotus ait per hoc tempus in Carteya alio nomine Tarreſſa, vulgo Taripha vrbe in Bethica Hispanie provincia regnabat.* E a meſma cidade de Tarifa chamão hũs

*enfoimã*  
*Sol. c. 26.*  
*Marian.*  
*l. 3. c. 39.*  
*Tarapha*  
*l. 1. de reg.*  
*Hiſp.*  
*Geropio*  
*Bacano.*  
*Herodo-*  
*to.*

hũs historiadores, como he Henrique Coco, Tarif: & ou<sup>Henr. Co</sup> tros como Iusto Lipſio, Tariffa, dizendo lib. 1. exemp, <sup>co.</sup> Monit. Polit. capit. 7. *Rex Caſtella Sanctius Tariffam qua Inſt. Lyp. veterum Cartria ſive Tarteffus de Mauris caperat* Aquelle <sup>l. 1. exemp.</sup> monte tão celebrado dos Poetas, hũs lhe chamarão Las- <sup>cap. 7.</sup> naſo, como notou Stephano, & outros Parnaſo. O glorioſo Santo Agoſtinho liuro 18. de ciuit. cap. 9. diz. *Duxit ergo Moyses ex Aegypto populum Dei, nouiſſimo tempore Cecropis Athenienſium regis, cum apud Aſſirios regnaret Aſcatades apud Sicyonios Marathus.* E eſte Rey a quem Santo Agoſtinho chama Maratho, chama Pauſanias Pa- <sup>S. Aug. de</sup> rato, porem eſta differença de letras não fazem differen- <sup>Ciu. 18.</sup> tes peſſoas, montes, villas, ou promontorios, pello que di <sup>cap. 9.</sup> zer Diogenes Samotheos, ou ſemnotheos, quando o diſſe- <sup>Pauſan.</sup> ra, faz muyto pouco pello autor do Exame, pois ſempre ficão ſendo os meſmos homẽs. Alem diſto folgara me diſſera o noſſo apurador, ſe lhe mandãrão algũa procuração baſtante lá do outro mũdo os eſcriptores que compoſerão liuros pera os emendar a ſeu geito, & conforme lhe pede ſua payxão: ou que comiſſão tem de Diogenes, & de Syllio Italico pera afirmar que hum & outro eſtão errados? Digo iſto porque eſcreuendo a Monarquia Luſitana, que Sabo deu principio aos Sabinos, & prouando com Syllio Italico, ſae o noſſo autor com eſtas contraditas em forma. *E mais iſto (ſão palauras ſuas) ſe poderã entender de outro Sabo, & não deſte de que a Monarquia trata.* Em verdade que inda não vi tal modo de impugnar auẽtores. Baſta que achamos em Syllio expreſſamente que Sabo foy progenitor dos Sabinos, & o Exame de antiguidades, quer que o ſeu ſonho valha mais, que a autoridade de que eſcreue historias verdadeiras. Mas porque não gaſtemos tempo trare: os verſos de Syllio lib. 8. os quais deixo pera o

capitulo que se segue rematando este com hũa sentença de Iuuenal satira segunda.

*Loripedem rectus derideat Æthiopem albus.*

CAPITULO XIII.

*Examinase a autoridade de Sylló Italico, & prouase juntamente donde tiuerão principio as Galès,*



A HAMED bin Caab o Curdi, diz hũa sentença a meu ver bem auilada: *Quando plantardes, diz elle, algũas plantas no jardim das boas obras, olhai bem as que plantais, & a terra em que as pondeis, & sabereis o que prometeis, & o que cumpris, porque senão derem bom fruto, de vosso arrependimẽto vòs tereis a culpa* No fim do capitulo passado prometi trazer os versos de Sylló Italico, & como hum homem prudente pera que a promessa naõ perca seu preço, deue ser muy atentado, & olhar primeiro o que promete, porque melhor he ser curto no prometer, que descuidado no cumprir, & pois a promessa no animo nobre he diuida conhecida, & se hũa vez diz sy, & torna a dizer não, o que ganhou por liberal no prometer, perde por mentirozo no cumprir, & como eu queria fogir de ter tal nome, quero satisfazer com minha obrigação, seguindo a doutrina que propus; & ja que me obriguei a examinar os versos de Silio, & a declarar o sentido delles, he necessario escreuer primeiro suas palauras, que saõ as seguintes.

*Ibant & leti, pars sanctum voce canebant.*

*Authorem gentis, pars laudes ore ferebant.*

*Sabe tuas; qui de patrio cognomine primus.*

*Dixisti populos, magna ditioe Sabinos.*

Syllo Ital.

Quer dizer em nosso lingoagem Portuguez. Os pouos Sabinos, hião alegres, & contentes, hūs, Sabo, vos chamão seu sancto progenitor, outros a boca chea cantauão vossos lououres; por serdes o primeiro que destes nome aos Sabinos, diriuado do de vosso pay. Isto assim explicado, & entendido sem mais ambajens, nem circumloquios, que dizer em lingoagem o que Sillo diz em Latim, de que serue encher folhas de papel, & gastar tempo, em prouar que aquelle nome, *sanctum*, não he adiectiuo de *auctorem*, contra todas as regras de grammatica, senão nome proprio de hum homem chamado, *Santo*, & que assi se ha de entender Sillo, porque o, S, de *sanctum*, ha de ser letra grande, & não, s, pequeno, segundo elle diz, & quer, affirmando, que nos liuros bem emmendados está, S, grãde, & sò nos que não são tais se acha o, s, pequeno por falta dos Impressores. O em que me resoluo he, q̄ sò o seu deue de ser da impressãõ emmendada, porque quantos eu tẽgora vi, & busquei com algũa curiozidade, & muito de proposito, tem o contrario do que elle quer que tenham. Quanto mais que no particular do, S, grande, ou pequeno, o Viterbense o tira deste trabalho, que tão cansado o dei-

Viterb.

xou dizendo: *Marcus Cato de originibus asserit Sabinos dici non a Sebome ut Græci somniant, sed ut ait Silius à Sa-*

de Regib.  
Ass.

*bo filio Sangny, nam Sabatio tria cognomenta à suis Curetibus Sabinis, & Thuscis indita fuerunt. Fuit enim dictus à religione atq̄, si de Pistius siue latine siacs, & sidius, a participatione regni causa Ianus Semipater siue Semirex, & a Sagapatria, Sangy, ut marmora excisa vocant. Siue Sang-*

onon o

M 4

ni,

Defensã da

*ni, ut Catò scribit, & Tusci proferimus, siue Sangtus, & Sanctus, ut Romani pronunciant.* Como se dissera: Affirma Marco Catam, que os Sabinos se chamão assy, não de Sabome, como sonhão os Gregos, mas de Sabo filho de Sangni, como diz Sillo, porque Sabacio teue tres cognomes diferentes, Pistio, que na lingua Latina he o mesmo que *fides, & fidius: Semipater, ou Semirex*, por governar o reyno juntamente com Iano: & de Saga sua propria patria, *Sangy*; como consta de algũs letreiros abertos em pedras, ou *Sangni*, segundo escreue Catão, ou *Sangtus, & Sanctus*, como pronunçião os Romanos, & daqui fica claro, que ou se escreua *Sanctum*, com S, grande, ou pequeno sempre fica sendo hũa mesma pessoa, & não homés diferentes, como quer o Exame. Faz por esta parte como diz Ioão Annio, Ouuidio, in fastis lib. 6. onde diz.

Ouuid. n.  
fastis. l. 6.

*Quarebam nonas Sangto Fidio ne referrem,  
an tibi Semipater, tu mihi Sanctus ait:  
Cuicunq; existis dediris, ego munus habebo  
Nomina terna fero, si voluere cures.*

Viterb.  
de Reg.  
Assi. fol.  
128.

E logo mais abaixo diz Ioão de Viterbo, de Regibus Affiriorum fol. 128. as palavras seguintes *Quin etiam ut intelligas cum Iano Sabatiũ Caspium, & non fabulosum Graecum Saturnum corregnasse à suo proprio nomine Sabatiam vocauit totam regionem ianiculam.* E explicando as palavras de Berolo, diz assi. *Sabinos, Sabus Cures protulit à quibus prodierunt Sabelli, quos latini Samnites, Graci vero, Saunitas appellauerunt ut Plinius tradit in tertio naturalis historia.* Como se dissera. Sabo foy autor dos Sabinos, dos quaes procedem os Sabellos, a que os Latinos chamão *Samnites*, & os Gregos. *Saunitas*, como diz Plinio lib 3. nat. hist. & Catao de Originibus, diz: *Oppida in his sunt Sabum in Sabatia a Sabo conditum &c.* Diz mais

Plin. 3.  
natur.  
hist.

Catão de  
Orig.

o nosso

o nosso autor do Exame, que não conuinha o Epiteto de *sanctum* á Sabo. Verdadeiramente, que não sei, que males tão grandes lhe fez Sabacio Saga filho de Noé, como diz Beroso lib. 5. nem Sabo seu filho, pera lhe querer tirar o epiteto que lhe deu Silio Italico, & antes de irmos mais auante, & de entrarmos no capitulo que se segue: digo, q̄ *Sanctum*, segundo aponta Henrique Stephano, vem de *Sagmen*, *idest sine semine crescens*; & assim diriuandose, *sanctum*, de *Sagmen*, quer dizer hũa cousa pura, limpa, & incorrupta, pello que costumaua o Senado Romano dar a Verbena aos Consules, Pretores, & legados q̄ mandauão emprender algũa guerra, ou fazer algũas pazes: dandolhe nisto a entender, quam puros, & incorruptos auião de ser em sua legacia. Deste costume dos Romanos, faz menção Festo, & Plinio lib. 22. cap. 2. & Lúcio lib. 1. & lib. 30. Quer mais dizer *sanctum*, innocente, & casto, & assi Virgilio em seus *Aeneidos* diz.

Beroso. l. 5.

Henriq.  
Steph.

Festo, &  
Plin. l. 22.  
cap. 2.

Lúcio. l. 1.  
& l. 30.  
Virg. *Aeneid.*

*Sancta ad vos anima atq; istius inscia culpa*  
& noutra parte.

*Tuq; o sanctissima coniux felix morte tua.*

*Sanctissima*, *idest castissima*, & em qualquer destes significados melhor conuinha a hum filho, ou a hum neto de Noé, que não a hum homem feito do ar, como o autor do Exame faz em seus *Matamaforseos*, & a desgraça está, que deste santo, que elle quer que seja o primeiro fundador dos Sabinos, não nos traz o apurador das antiguidades pay, nem máy, parente nem adherente, tempo, nem idade, em que fosse, nem deixasse de ser, nem nos aponta autor que tal historia conte, & deixanos este santo homẽ no ar, nacido, & formado d'elle, como cousa de encantamento. Diz mais o autor do Exame das antiguidades, errou o da Monarquia em dizer se metera Thubal em em-



## Defensão da

barcações feitas ao modo de Galés descobertas, affirmãdo, que a Náo a que Xenophonte nos seus equiuocos chama Galerim, foy a arca, ou Náo em que escapou Noé, & acrescenta: *bem ve o autor* (falla com o da Monarquia) *que não significa Xenophonte forão fustas, nem Galeotas, & que se enganou na palavra Galerim, que quer dizer molhado das ondas.* Primeiramente; respondo, & peço ao nosso autor ouça, & lea a Pero Beuter na Chronica geral de Espanha l. i. cap. 5. onde diz *Cuenta Iuan Annio, lo que diz Philo, y es que Noè haziendose unas fustas com que pudiese navegar por los mares, de otra hechura, que no fuera el arca, es a saber, descubiertas, se embarcò, en el mar Euxinio. Estas fustas llamò Galeras que en aquella lengua Aramea, quiere dezir salvacion de las aguas, como dize Xenophon.* Digo mais, que em o doctor Frey Bernardo chamar Galés descobertas, & de menos fabrica, que as do tempo da gora, andou com o auizo, & prudencia com que costuma escreuer todas suas cousas, porque de crer he, que naquelles tempos tão antigos, não ouesse Galés tão custozas, & de tanto artificio como oje são as nossas, porque se forão perfeiçoando conforme o entendimento de quem as fazia, ou mandaua fazer. Demosthenes o Thebano como aponta dõ Antonio de Gueuara foy o primeiro (muyto antes da destruição de Troya) que inuentou a Galé, & o remar de dous, em dous remos. Thucidides o Grego affirma que Amonides Tyranno de Corintho, foy o primeiro que inuentou Galés de tres remos. Cimon famoso Capitão dos Licaonios fez Galés de tres remos em cada banco, & inuentou a vella do trinquete, & fez o espoarão de aço. Os Gaditanos, & Pennos trazem muito grande contenda, sobre quais delles forão os primeiros que inuentarão Galés de quatro remos: inda que Aristoteles fauorece

Beuter  
Chro. geral de Espanha l. i. cap. 5.

rece aos Pennos. Tendo Demetrio cercados os Rodos inventarão a Gallé de cinco remos por bāco, inda que não falta quem attribua esta gloria a Nafico Capitão del Rey Ciro. Plutarco affirma que Amonides Licaonio inventou a Galé de seis remos, posto que Tesiphon quer a inventasse Xenagoras. Siracusano, em tempo de Nicias veyo de Grecia conquistar a Siracuzza. Philopatro Tebano fez Gallés de sete remos por banco, dado que Plinio diz em hũa Epistola a inventou Nelegato: & Pretonio, escriptor antiquissimo quer que fosse Promotheo Argiuo, & outros affirmão foy o grande architeto Alchimides. Plutarcho lib. de fortuna Alexandri, escreue armou Alexandre contra o Tyranno Dronides hũa galé de doze remos por bāco. Ptholomeo Philadelpho, segūdo affirma Thenedè teue quatro mil Galés, de vinte remos por banco. Thesipho Alercio, & Hermogenes, fazem menção de hũa Galé, que fez Thericon Siracusano, que tinha duas popas, & duas proas, & debaixo de cruxia trinta salas, & hũa aluerca de peixes em que cabião vinte mil quartas de agoa. Theseo o Grego inventou, indo a conquistar em Asia hũa terra chamada Protana, hũa Galé de trinta remos por banco. Alcibiades veyo á cidade de Siracusa de Tinacria com cento & trinta Gallés, & foy o primeiro que acrescentou outros vinte remos, & acrescentou ao masto que até então não era mais alto que de quarenta palmos, quinze palmos mais, & ao principal da Gallé chamou popa, & a outra parte proa. Ptholomeu Philopater Rey do E gypto, cōtra quem pelejarão os Macabeos, mandou fazer hũa galé de quarenta remos por banda, & tinha mais de quatro mil remeiros, & quatrocentos marinheiros. Bem vé o nosso autor do Exame como o tempo, & a experiencia foy perfeiçoando as Galés, & que a continuacão delle, fez hũas

## Defensão da

de mdr perfeição & grandeza que outras, pello que naquella primeira idade de Thubal com muyta razão & bõ fundamento diz a Monarquia Lusitana não erão as Galés feitas ao modo d'agora, senão com hũa lhaneza antiga, & quãto a affirmar o Exame errara o doctõr frey Bernardo em chamar Galés ás embarcações em que Thubal chegou a Setuual, enganandose com a palavra de Xenophonte: & que Galerim se chamou á Náo, ou arca de Noé & não á de Thubal, salua pace tanti viri, não he isto o q̃ diz Xenophonte em seus Equidocos, cujas saõ estas palavras: *Ogyges plures fuere, primus supradictus ataus Nini, quem Babylonij Gallum cognominant, quòd in enundatione etiam superstes alios eripuerit, & genuerit, hinc Sage apud quos navigio saluatus est, & ereptus, ratem vocant galerim, quod vndis saluet.* Como se dissera. Muitos forão os que se chamarão Ogyges, o primeiro dos quais foy Noé a quem os Babilonios chamão Galo, porque no diluuiõ, & enundação géral escapou com outros muytos, daqui naceo que os Sagas chamão á Náo Galerim, porque liura das ondas. A diriuação deste nome está clara, porque *Gallim* na lingua Hebreã, & Arameã, significa onda, & enundação, donde vem chamarense Gallos todos aquelles que escapão das ondas, & Galerim á embarcação em que nauegão. E assim os Thuscõs lhe chamão Geleas, & os Babilonios Galleras, & os Sagas, Galerim, que he Galé, termo pello qual falla a Monarquia, dizendo que Thubal nauegou em hũas embarcações feitas a modo de Galés, descubertas, & de menos fabrica que as do tempo d'agora, pello que, como Galerim seja nome comum, & não particular da Náo de Noé, não foy esta emmenda do autor do Exame tão exacta, como se esperaua de seu raro entendimento, mas foy isto, *Atlas Calum.*

*Xenoph.  
in equis.*

CAPITULO XV.

Em que se proua foy Sabacio Saga fundador dos Sabinos, & de como Noè ensinou a cultiuar a terra cõ bois, a semear, & colher o trigo: prouase os muitos annos de vida que viuião os homẽs antigos: & responde-se a algũs inconuenientes que o autor do Exame aponta acerca desta materia.



**S** A B I D A coufa he, foy o grande Patriarcha Noè o primeiro q̃ exercitou a arte de nauegar, naquella arca tão nomeada, inda que sem vella, leme, nem remos: muyto antes q̃ da náo Erythra, Ioão, & outros que aponta Plinio lib. 7. capit. 56. & foy tão grande Astrologo, que achou a Philosophia do arco do Ceo, á imitação do qual inuentou os arcos triumphaes, de que o faz primeiro inuentor Suetonio in Domiciano, & acrescenta Beroso, q̃ da obseruação dos astros conheceo naturalmente o diluio, como refere Bento Pereira em Genif. tomo 2. lib. 12. disp. 12. O mesmo parecer seguiu Henrique Mech-niense in coment. in magnas Albumafaris coniuñtiones. E Pedro d'Aliaco quæst. in Genif. & in libro de concordia Theologiae, & Astrologia: com Guillelmo Bispo Parisiense 1. parte operis de vniuerso: posto que esta sentença não só contradiz a sagrada Escriptura, mas ainda a boa Philosophia, pois estão dereitamente oppostos con-

Plin. l. 7. c. 56.

Sueton. in Domic.

Beros. ap.

Benedict

Perei. in

Gen. 10. 2

l. 12.

Henriq.

Mech. in

comet. in

mag. Al-

bu. cõiuñt

Pero de

Alia q̃ in

Gen.

Guilbel.

Par. 1. p.

operis de

tra vniu.

## Defensãõ da

*Platão in Thimæo.* tra ella os dous principes dos Philosophos, Platão in Thimæo, & Aristoteles lib. 1. Meteorologicorum : porem in-  
*Arist l. 1. meteor.* da que pella conjunção das estrellas não conhecesse Noé o diluuió vniuersal, como na realidade da verdade não conheceo, senão por inspiração diuina, nem ouuesse, como não ouue tal conjunção de Planetas, não deixou com tudo de ser eminentissimo Astrologo, & o primeiro in-  
*Beros. l. 3* uentor de cultiuar a terra, plantar as vinhas, & fazer o vinho, como affirma Beroso liuro terceiro, nestas formais palauras. *Finito diluuió cum arca in Gordico monte Armenia concedisset, descendisse Noè in loca plana, & breui mirabiliter multiplicata progenie, perpetuo nomine geminos edebant, marem & faminam adeo completa esse hominibus ea loca, ut necesse fuerit, multos inde recedere, sed Noè diu ibi mansit, & Armenos sic enim eos nunc appellamus, nam id nominis postea eis inditium est, primum docuit agriculturam, artemq; colendi vites, & conficiendi vinum, multa item naturalium rerum secreta mandauit literis &c.* Quer dizer. Acabado o diluuió, descançou a arca no monte de Armenia chamado Gordico, do qual decêdo Noé ao valle Myriadam onde edificou a primeira cidade do mundo chamada Saga Albina, ou como tem Ptolomeo, per sin-  
*Ptolom.* copa Sagalbina, que depois deixou a sua filha Araxa: en-  
*Pereir. in Genes.* sinou aos Armenios a cultiuar, & arar a terra com bois, a semear o trigo, a por a vinha, & fazer vinho. O mesmo af-  
*Diodor. Tarcense l. 5. bibl. annot. 69* firma Bento Pereira in Genes. sobre aquellas palauras do Texto sagrado: *Cæpit Noè vir agricola exercere terram:* ou como tem a lingua santa; *Vir terra, Hebraism;* com a qual significa homem dado a agricultura: & ainda Diodoro Bispo Tarcense, como refere Sixto Senense lib. 5. Bibliothecæ sanctæ annot. 69. & os Rabbinos, os quaes cita  
*Rabb ap. Abulens. in Gen. c. 5. q. 6.* Abulense sobre o capitulo 5. Genes. quest. 6. & Lira ibidê,  
*Lira. ib.* dizem

dizem foy Noé antes do diluio o primeiro que inuentou o arado, & cultiuar a terra com elle, & com bois, posto q̄ Iosepho lib. 1. antiq. cap. 3. E o Burgense in suis additio. querem fosse Caim o primeiro inuentor dellas cousas todas, sendo pois assim, que o Patriarcha Noé achou a inuêção de cultiuar a terra, & semear o trigo, de crer he o auia de ensinar a seus filhos, & como Sabacio Saga era hũ delles, bem se deixa ver aprenderia em companhia de seus irmãos, & sobrinhos, que he direita mente o que o Exame das antiguidades nega, dizendo não ensinou Noé estas cousas todas a Sabacio seu filho, antes o filho foy o que as ensinou a outros, ao qual respondo com hũa autoridade de Santo Ambrosio, de Noé, & arca capit. 23. Pergunta o doct̄or Santo, qual he a razão, porq̄ ensinando Noé a seus filhos, assim a semear, & colher trigo, como a plantar as vinhas, & fazer o vinho, não faz menção Moyse de ser Noé inuentor de semear o pão, fazendo de colher, & fazer o vinho? & responde o diuino Santo foy isto por particular prouidencia, & ordem do Ceo, porque como Noé era homem santissimo, quis Moyse mostrar, que as cousas necessarias pera a sustentação do homem, como era o pão, se auião de attribuir a Deos a cuja conta está nossa criação, sustentação, & conseruação: porem as que não seruem de mais que de melhor commodidade nossa, & q̄ sam mais do appetite, que da necessidade como he o vinho, não foy inconueniente attribuirse aos homês, como fez Moyse a Noé: quanto mais que o vso do trigo era já sabido antes do diluio, & não o do vinho, & assim primeiro de tudo ensinou Noé a semear, & colher o trigo, como mantimento necessario á vida humana: & Moyse fez particular menção do vinho, por razão do effeito que cauzou em Noé, ao qual se seguiu a zôbaria q̄ Cham

*Ioseph. l.  
1. antiq.  
Burg. in  
addit.*

*D. Amb.  
de Noé &  
arca. c. 23*

## Defensão da

fez de seu pay, & a maldição que lhe deitou em seu filho Chanaan, & em seus descendentes, que foy o intêto principal que teue Moyses no contar desta historia pera nos dar a entender, que os males todos dos Chananeos & sua condemnação lhe nacia do pay de que nacérão. Não nego, que antes do diluuió ouueffe vides, & vuas, porque criando Deos todas as especies de arvores, & fruto, tambem criou as vides, & vuas pore m não seruião de mais, que de comerem as vuas: mas pór as vides em lugar particular, & juntas a modo de vinha, tirar dellas vinho, & bebello, foy Noé o primeiro inuentor. E ja que trouxe estas couzas todas pera mostrar ao autor do Exame, como Noé ensinou a seus filhos o semear do trigo, & o plantar das vinhas, que elle nega em Sabacio Saga; quero primeiro de tudo acudir a hũa difficuldade em que pôde duuidar, & me poderá perguntar qualquer curiozo dizendo: se o diluuió cobrio a terra toda por tantos dias, mezes, & tempo, & a furia das agoas leuou todas as couzas criadas, donde ouue Noé as vides que plantou? A esta duuida responde Santo Ambrosio de Noé & arca capit. 26. onde diz que aquellas raizes das vides que ficárão debaixo da terra populárão na primauera, & que das vuas que dellas nacerão vsou Noé pera fazer o vinho. Tostado neste lugar segue outro caminho, & diz que a fertilidade da terra criou cepas, & vides mas syluestres, & como de tais forão as vuas, & que cortando Noé dellas as vides que lhe parecerão mais acomodadas, as transplantou em terra melhor, & mais fertil, cultiuandoas com todo o cuidado, & diligência possiuel, & perdendo com este beneficio o ser agreste que tinham ficárão dando vuas excellentes. Vindo pois ao ponto do nosso apurador de antiguidades, affirma elle no seu Exame que Sabacio Saga não aprendeo a cultivar a terra

*S. Ambr.  
de Noé &  
arca. c. 26*

*Tostado  
sup. hum  
locum.*

a terra nem modo de sacrificios de Noé seu pay, antes que Sabacio ensinou tudo isto em Italia; pello que fica tão longe, diz elle, de ser o que escreue a Monarquia, quanto vay de aprender a ensinar, que pouco mais ou menos, vem a ser a distancia de hum polo a outro. Estas são as razões, argumentos, & galantarias do nosso autor. Porem antes de irmos a outra cousa, folgara me ensinará primeiro de tudo, onde estaua o santo Patriarcha Noé quando Sabacio Saga seu filho chegou a Italia fogindo das armas de Nino, & deixádo o seu reyno de Armenia se recolheo debaixo do emparo do pay? Responderá que em Italia, governando os povos della, com summa paz, & quietação. Isto supposto faço a segunda pergunta. Pois em todo este tempo estaua Noé com húa mão sobre outra, sem ensinar aos homés que governaua, & tinha por vassallos a semear o trigo, plantar as vinhas, & cousas necessarias á vida humana, sendo assim que o sabia muito bem, antes, & depois do diluuió? E quando o queira fazer tão cruel, & de tão má condição, & natureza, que o não quizesse ensinar aos outros, tão inimigo auia de ser de sy mesmo, que não mandasse cultiuar a terra pera sua sustentação, não ensinaria a gente de seu seruiço, a semear, & colher o trigo, plantar as vinhas, & fazer o vinho para se poder sustentar? E quando não fizesse cazo de sua vida, nem dos mimos della, não tinha obrigação de ensinar a esta gente os ritos, & ceremonias do culto diuino, o modo com que auião de inuocar, conhecer, & venerar a Deos pois era santo, & hum dos mayores que teue a ley natural? Estaua por ventura esperando que viesse seu filho Sabacio Saga ensinar, o que elle com tão pouca custa sua podia fazer? O contrario nos conta Beroso, & espantome não no saber de cór, pois todo elle não tem mais de duas folhas segundo



## Defensão da

Beros. l. 3

affirma o autor do Exame, inda que a meu ver deueho de  
ter em cifra, Beroso pois falando de Noé no liuro terceiro  
diz assi: *Tandem petijt Kitim, quam nunc Italiam no-*  
*minant, desiderium sui reliquit Armenis, ac propterea post*  
*mortem, illum arbitrati sunt in animam caelestium corpo-*  
*rum translatum, & illi diuinos honores impenderunt. Et o-*  
*bid solum hac duo regna Armenum quidem quia ibi capit,*  
*Italicum vero quia ibi finiuit, & docuit, & regnauit natu-*  
*raliumque atque diuinorum, qua eos erudiuit libros, plenis-*  
*sime illis conscriptos reliquit, illum venerantur simulq; cog-*  
*nominant ealum, solem, chaos, semen mundi, patremq; deo-*  
*rum maiorum, & minorum animam mundi mouentem calos*  
*& mixta vegetabiliaq; & animalia, & hominem, Deum pa-*  
*cis iustitia, Santimonie expellentem noxia, & custodientem*  
*bona.* E posto que vá muito grande distancia de apren-  
der a ensinar, não he argumento que conclua [dizer, Py-  
thagoras aprendeo, logo não ensinou: porque Platão teue  
por mestre a Socrates, Aristoteles a Platão, saõ Ieronimo  
a Didimo, & santo Thomas a Alberto Magno, & mais  
nem por serem em algum tempo discipulos deixárão de  
ser iminentissimos mestres. Da mesma maneira, inda q  
Sabacio Saga aprendesse como aprendeo de seu pay Noé  
a cultiuar a terra, & mais couzas pertencentes á agricul-  
tura, os ritos, & ceremonias necessarias ao culto diuino,  
bem as podia depois ensinar aos Aborigines, & Sabinos,  
de que seu pay o fez governador, sem que o aprender, &  
ensinar fique distando de hum polo a outro polo, como  
quer o apurador das antiguidades, o qual depois de dei-  
xar esta hũa quinta essencia traz hum inconueniente tão  
grande contra a Monarquia Lusitana, que se póde dizer:  
*hoc opus, hic labor est,* quanto mais, diz elle, que Sabacio  
Saga andou toda a sua vida fogindo das perseguições de  
Iupiter

Iupiter bello por Scithia, por Armenia, & por outras partes, sempre vencido, & fogituo, até que se veyo depois a Italia acolher a seu pay Noé, & parece que não deuia trazer consigo ja esses Sabinos que a Monarquia diz procederem d'elle, assi por não poder ser naturalmente, por se rē as vidas ja muito curtas depois do diluuijo, como porque se tiuera tanta gente de sua parte, nem fogira a Iupiter Bello, nem peregrinára pellos reynos de Asia, nem se viera pera o de Italia, pois tinha gente pera offender aos Affirios; quanto mais pera se deffender delles. Estas são as quimeras, esphinges, obstaculos, & inconuenientes do autor do Exame, nos quaes temos dous tão notauéis, que nos são necessarias as azas de Dedalo pera escaparmos de tão notauel perigo: mas, *audaces fortuna iuuat*. He o primeiro afirmar erão ja naquelle tempo as vidas dos homens muito curtas. He o segundo dizer, que com tanta multidão de gente, não só podia resistir, mas ainda offender; cuja repostura traremos no capitulo que se segue.

## CAPITULO XVI.

*Em que se trata dos largos annos, que nos tempos passados viuião os homens, & de como a victoria nas batalhas se alcança mais pella vontade de Deos, & boa ventura do Capitão, q̄ pella multidão de soldados & gente de guerra.*

## Defensão da



PRIMEIRO inconueniente que o autor do Exame traz pera affirmar, que os Sabinos não procedem de Sabacio Saga, he dizer, erão ja naquelle tempo depois do dilu-  
 vio as vidas muito curtas, por cujo respeito quando chegou a Italia, não deuia de trazer consigo, diz elle ja nacidos esses Sabinos. Em verdade que esta razão me cahio em graça, porque dereitamente encontra de meio a meyo, a autoridade do seu grande Iosepho no primeiro das antiguidades, onde diz estas palavras: *Nullus autem ad vitam modernam, & breuitatem annorum, quibus viuimus, comparans antiquorum longitudinem, putet falsa, quae de illis sunt dicta. Illi namq; cum essent religiosi, tantorum annorum curriculis ritè viuebant. Deinde propter virtutes, & gloriosas utilitates, quas iugiter perscrutabantur idest Astrologiam, & Geometriam, & phisicam, Deus eis ampliora viuendi spacia conuonauit, quae non caute dicere potuissent nisi non gentis viuerent annis, per tot enim annorum curricula magnus annus impletur. Testes autem dicti mei sunt omnes, qui antiquitates apud Gracos, & Barbaros conscripserunt. Nam, & Manethon qui descriptionem fecit Aegyptiorum, & Berofus qui Chaldaicum deflorauit, & Mochus, & Estyus, & Hieronymus, Aegyptius concordant cum dictis meis, Hesiodus quoque & Eratheus, & Hellicanus, & Agesilaus in historijs suis, memoriam faciunt antiquorum annis mille viuentium.* Quer dizer. Não deue ninguem comparando a vida dos homés antigos, com a breuidade da dos modernos, julgar as cousas que delles se escreuem por fabulosas, nem crer, que aquelles não chegarão a viuer tantos annos, porque como erão mais propinquos á primeira creação, & os manjares & mantimentos fossem mais saudauéis,

Ioseph. 1.  
1. antiq.

& aco-

& acomodados á natureza assim pella virtude delles, como pella temperança que os homés naquella primeira idade vsauão no comer, daqui nacia viueré muitos mais annos dos que nós viuemos, alem de pôr Deos os olhos nas virtudes dos homés daquelle tempo, & os proueitos que buscauão pera as gentes, com a Astrologia, & Geometria, & assim lhe daua maior espaço de vida, porque não podião exactamente aprender esta sciencia se ao menos não viuião nouecentos annos, com os quaes se cumpre todo o circulo do anno grande: são testemunhas desta verdade minha, todos aquelles que escreuerão de antiguidades, assim Gregos, como Barbaros, como são Manethon, Beroso, Hieronimo Egypcio, & outros: faz muito por minha parte Hesiodo, Eratheo, Elicano, & Agessilao em suas historias, os quais todos affirmão viuião mil annos os homés antigos. *Hac Iosephus.* E como na oppinião do autor do Exame hir contra a autoridade de Iosepho he heresia em historia: veja, estude, & ensinemos, o remedio q̄ isto pôde ter pois, ou elle, ou Iosepho, hão de ficar dizendo o que não hé; & sobre quem falla mais ao certo: podem deitar sortes: que eu hei de seguir a santo Agostinho no liuro da cidade de Deos, & a frey Ioão de Pineda na sua Monarquia Ecclesiastica, onde, como veremos a diante, affirmão viueo Osiris seiscentos annos. Xenophonte, como refere Tornio 1. mundi ætate anno 1656. conta de hum Rey, ex maritimis, que viueo oitocentos annos, & de outro seiscentos, dos quaes deue falar Ramisio em sua officina tomo quando diz: *In petris Palutiniorum insula vixit annis octingentis, & filius eius sexcentis.* Plinio no liuro 8. escreue ouue hum homem no Ilirico chamado Dandonio, que viueo quinhentos annos. Iuuenal satira 10. Tibullio liuro 4. Propercio liuro 2. & Ouidio, Mata-

S. Aug. de Ciu.  
 Pin. mon. eccl.  
 Xenophōte Torniel. 1. mūdi ætate anno 1656.  
 Raus. t. 1. Plin. l. 8. Iuuen. satira 10. Tibul. l. 4. Propercio l. 2. Ouid. Met. 12

Homero  
in Plin.

## Defensão da

Helanio.

Oneserito

Segeberto

in chron.

sub anno

Dñi 393.

Petr. in

cat. l. 5. c.

162.

Torn. vb.

supra.

Mesia in

vit. Con-

rad.

Aut. fasc.

temp. Mā

tuanus.

Maphæo.

l. II. hist.

Ind.

Fernão

Lop. l. sui

chro. 8.

Hecateo,

Elanio,

Ephoro,

Nicolao,

ap. Ioseph

ubi sup.

Plin. 7. l.

c. 48. & 49

Rauis. in

sua offic.

Theat. vi

ta huma.

Hiero. in

Gen.

Genes. II.

maforseos 12. tomandoo de Homero, affirmão viueo Nestor trezentos annos. Helanio escriptor antiquissimo, diz viuem os homês na prouincia de *Ætolia* trezêtos annos. Oneserito, aponta o mesmo dos moradores da Insula *Pádora*. O glorioso S. Seruacio Bispo Tongrense, viueo trezentos, & setenta & tres annos, segundo affirmão Segeberto in chron. sub anno Domini 393. E Petrus in catal. lib. 5. cap. 162. Augustinho Torniollo, vbi supra, diz, que imperando Conrado o terceiro do nome, morreo hum homem na Galia, chamado João dos tempos, soldado que fora da goarda do Emperador Carlos Magno, o qual viueo trezentos & setenta & hum annos, assim o testifica Pero Mesia, in eiusdem Conradi vita, & Autor fasciculi temporum, de quem disse o Mantuano.

*Et quem fama refert hiemes videsse trecentos.*

Pero Maphæo lib. I I. historiae Ind. conta que em Bengala ha hum Indio de trezentos & trinta & cinco annos tomandoo de Fernão Lopes de Castanheda libro sui chro. 8. Hecateo, Elamio, Ephoro, Niculao, & outros, affirmã o viuião os homês antigos mil annos, & se o nosso autor se não der por contente com tantos, & tão doctos escriptores, lea a Plinio lib. 7. cap. 48. & 49. a Rauisio Textor em sua officina, o autor do theatro da vida humana, & a saõ Ieronimo sobre o Genisis. E porque nos não cansemos, & vamos á fonte limpa, cuja verdade se não póde negar. Da Escripura sagrada sabemos todos Gen. I I. viueo Sem filho de Noé, seiscentos annos. Arphaxad trezenêos & trinta & oito, Salé 433. Heber 464. todos os quaes forão depois do diluuiio, & algũs delles contemporaneos de Sabacio Saga, & outros muito mais modernos. Se contra a verdade da Escripura sagrada tem algũa cousa que replicar o autor do Exame, elle o veja, & o leitor o julgue. Alem disto,

disto, Aristoteles lib. de longitudine, & breuitate vitæ, diz, que o homem, & o Elephante sam viuacissimos entre todos os animaes. E plinio no liuro 8. no capit. 32. conta por coufa certa, se tomárão hūs seruos no monte lem final algum de velhice com colares d'ouro ao pescoço, com os quaes cem annos antes os mandara soltar Alexandre Magno, & no liuro 10. capit. 2. affirma que a Aue phenix viue seiscentos & sesenta nnos, & lib. 7. capit. 48. refere de Hesiodo que a gralha viue noue ceutos annos: O Epigrama de Hesiodo tras Erasmo, & diz asly.

*Arist. l. de  
lōg. & bre  
ut vitæ.  
Plin. l. 8.  
cap. 32  
Pli. l. 10.  
cap. 2.  
Hesiodo.  
Plin. l. 7.  
c. 48.*

*Ter tria secula hominis transmittit garrula cornix*

*Erasmus.*

*Quatuor ac per agit Cornicis secula Ceruus*

*Ceruinam atatem coruus, ter praterijt ater*

*Coruinos annos noui es, agit indica Phenix*

*Atqui crespicoma soboles Iouis alma tonantis*

*Egredimur decies phenicia secula Nimpha.*

E porque temo aja algum Zoilo, que me peça conta dos annos, que Hesiodo nestes versos diz viuem as aues, animaes, & Nimphas que nelles nomea, digo que *fides sit apud autorem*, porem Silio lib 1. refere que el Rey Arganthonio de Espanha viueo trezentos annos, como consta destes seus versos.

*Syllo l. 1.*

*Arganthoniacos armat cateia nepotes.*

*Rex pro auus fuit humani ditissimus aui*

*ter denos decies, emensus belliget annos.*

Isto tudo presuposto bem, veja o nosso apurador quam deitado por terra está o seu primeiro fundamento. & vindo ao segundo. Respondo que o vencimento das batalhas não consiste na multidão da gente senão, ou na vontade de Deos que o ordena, & isto he o principal, ou na industria do Capitão, & fortaleza dos soldados que o acompanhão, Com seis cétas mil almas sahio Moyfes do Eryp-

## Defensã da

to, & posto que leuauão por guia a diuina prouidencia, & o grande Capitão Moyses, vindo Pharaõ com seu exercito, que não podia ser de muita gente, pôis a ajuntou em tão pequeno espaço, era com tudo esta multidão tão timida, & fraca, que de toõ se derão por perdidos se Deos lhe não abriera caminho pello mar vermelho. Trezentos soldados leuaua o Capitão Gedeão, contra o grande & innumeravel exercito dos Madianitas, & sò com elles alcançou gloriosissima victoria. Com quarenta mil homês chegarão Ptolomeo, Nicanor, & Gorgias, Capitães de Antiocho Rey de Syria, á villa de Emaus, & com sò tres mil homês de pelleja, lhe deu batalha Iudas Macabeo, & os desbaratou, & pôs em fugida, & foy seguindo o alcance, té os campos de Idumea, onde inda matou muita copia delles, tomandolhe as tendas, & gozando dos despojos todos do arrayal. No anno seguinte vindo Lyfias Capitão, & parente do mesmo Antiocho Epiphanes, com setenta mil homês de pé, & cinco mil de caualo, soldados muy escolhidos, & esforçados, saiolhe ao encôtro Iudas, com dez mil homês, & desbaratando aquelle grande exercito, o pos em fugida afrontosa. Bem sabe o nosso Autor, que Viriato, a quem Lucio Floro chama Romulo de Espanha, com muito poucos Lusitanos venceu ao pretor Vetilio, com dez mil Romanos, & escapando seis mil, que se recolherão a Tarlesso cidade antiga, á borda do mar, como refere Apiano, o questor de Vetillio ajuntou cinco mil soldados, que juntos com os seis mil, que ficárão, fazião onze mil, & dando batalha a Viriato, o Capitão Lusitano, se ouue com elles de maneira, que não ficou quem leuasse a Roma nouas de seu vencimêto. Ao pretor Cayo Plaucio, com dez mil homês de pé, & mil & trezentos de caualo desbaratou o nosso Capitão com tanto esforço, que

*Macab.  
liber.*

*Apiano,  
& o Bispo  
de Portalegre  
dial,  
do triũfo  
dos Lusitanos.*

que escapou o pretor Romano á vnha de caualo. O primeiro Rey de Portugal dom Afonso Henriquez, com tão poucos Portuguezes, que tiue pejo de o dizer na minha *Polyantha Lusitana*, desbaratou, & venceu cinco Reys Mouros com tanta copia de gente Maurítana, que cobrião os campos de Ourique. Com trezentos & dezoito companheiros venceu o Patriarcha Abrahão, a Codorlahomor Rey dos Elamitas, a elRey Thadal, a elRey Amraphel, de Sennaar, & a elRey Arioch de Ponto. Trouxe estes exemplos, & muitos outros podera trazer, pera mostrar, não consiste o vencimento de hũa batalha, na multidão da gente, senão na boa ventura do Capitão, dando Deos a vitoria conforme ao beneplacito de sua santa vótade, & merecimentos de cada hum. Pello que ainda que Sabacio Saga tiuesse algũs filhos, netos, parentes, & vassallos, que o acompanhassem, ou não serião tantos que podessem resistir aos exercitos de Nino, pois erão tão grandes, que diz Sabellico lib. 1. *Aneid.* 1. cap. 5. pos em campo contra Zoroastres, hũ conto, & setecentos mil homẽs de pé, & duzentos mil de caualo. Outão fracos que não poderião resistir a sua potencia, ou por certos juizos de Deos, que he o mais certo, & de que nõs não somos juizes. Com poucos soldados venceu a Raynha Simiramis muitas batalhas, & entrando na India, com tres contos, & quinhentos mil homẽs, segundo affirma o mesmo Sabellico ficou vencida: & desbaratada se tornou pera Babilonia. Nem he bom argumento dizer, que por Sabacio Saga andar fugindo, não poderia trazer tanta gente comfigo, que podessem fazer hũa republica: porque a honestissima & casta Dido, nome he que lhe dá S. Ieronimo, fugindo vinha da perseguição de seu irmão Pigmaleon, & viuua de seu marido Etio Sicheu, & só com a gente que cõfigo

*Genes. 14**Sab. l. 1.  
aneid. 1.  
cap. 5.**Sabel. l. 1.*



## Defensão da

trouxe de u principio a hũa Republica tão famosa, como foy a Cartaginense: pello que bem podia Sabacio Saga trazer em sua companhia, tantos parentes, amigos, & cõfederados, que juntos com os Aborigines, fizellem a republica dos pouos Sabinos, tomando o nome de Sabo seu filho pello contentar, pois não he nouo mundo, procurarem os vassallos adquirir a vontade de seus principes. Antigo nome foy o da sumptuosa Bizancio, fundada pellos Lacedemonios, & por seu Capitão Pausanias, mas vindo o Emperador Constantino, & reedificandoa, & mudandolhe o nome, lhe chamou Neo Roma, q̄ querdizer noua Roma, porem os moradores della por agradar ao principe lhe chamarão Constantinopla. Da mesma maneira, os pouos de que Noé fez gouernador a seu filho Sabacio, se chamarão Sabeos, delle, & de seu filho Sabo: & assi fica este inconueniente, em que o nosso autor fundou a sua torre de Babel, posto por terra, & a historia verdadeira da Monarquia, mais prouada, manifesta, & clara.

## CAPITULO XVII.

*Em que se trata de hũa aduertencia que nos faz o autor do Exame, acerca de contarem os antigos os annos pellos dedos, & de como se entende este costume, discute se hum lugar de Cesar acerca de contarem os Francezes as noites pellos dias: & de como a Philosophia teue delles principio.*



OR cousa inaudita, & noua nos vende o apurador das antiguidades, segundo o encarecimento della, o contarnos contauão os antigos, o curso dos annos pellos dedos. Ia se me védera a mim esta curiozidade, & aos que sabem tão pouco como eu sei, não me espantara: mas fazer esta aduertencia ao Doutor frey Bernardo de Brito Chronista mór deste reyno: em verdade que me espanta na substancia, & me escandaliza no modo: porque o dizer com arrogancia destas palauras. *Não faça o autor duvida no termo de Celio por dizer: sed noctes mittunt in digitos, que mandauão as noites aos dedos: porque era costume de algũs antigos contar pellos dedos o curso dos annos, começando na mão esquerda, & acabando na direita.* Mas sendo o nosso autor tão destro em antiguidades, que se chama apurador dellas, apurou esta de maneira que ficamos ás boas noites, como dantes, pois tomando o nome de mestre, lhe ficou o melhor no tinteiro, porque não nos ensina quanto valia cada dedo, nem se valião mais os da mão direita, se os da esquerda, & outras curiozidades que ha nesta materia, pello que já que esta sendo tam antiga, lhe passou por alto, desde logo lhe peço licença pera eu a dizer, & ficará seruindo pera aquelles que a não sabem, & pois não proua esta (vendendoa por tão extraordinaria, como se a fora buscar ao globo da Lua, como Astolfo o fiso de Orlando) mais que com dous versos de Iuuenal. E não basta dizer, senão que he muy necessario prouar, que rolhe fazer seruiço de duzia & meya de autores, que tratão esta materia, pera que os veja, ja que os não tem visto, pois os não aponta, & não se canse em buscallos, que depois, *facile est inuentis adere*, como elle fez aos da Monarquia. O custeme dos Romanos contarem os annos pella

Plauto in  
mil. act.

## Defensãõ da

lana 2. la circumflexão dos dedos, se collige de Plauto in milit.  
Pli. l. 34. Acti. lana 2.

c. 7.

*Dextera digitis rationem computat.*

Tul. l. 5.

ad Aticũ

Plutarq.

in apoteg.

Quintal.

l. I. & l. II

cap. 3.

Macrob.

l. I. Satur

nal. c. 5.

Apuleo.

in 2. apol.

Donato.

in adelph

Terentij.

Boecio in

Porph.

Beda.

S. Isid.

S. Hiero.

Rodog. l.

23. c. 12.

Beda.

S. Ambr.

Pier. Va-

leriano.

Balcense.

Pli. in na

tur. hist. l.

34. c. 7.

Macrob.

l. I.

Satur. c. 5

Girald.

hist. rer.

Faz delle mensaõ Plinio liuro 34. cap. 7. Marco tulio liu.  
5. ad Aticum. Plutarcho in Apotegmatibus. Quintiliano  
liuro 1. & liuro 11. cap. 3. Macrobio l. 1. Saturnal. cap. 5. A-  
puleyo in 2. Apolog. Casiodoro epist. ad Boecium. Ter-  
tuliano in Apologetico. Donato in Adelphis Terentij.  
Boecio in Forphirium. Beda, santo Isidoro, São Ieronimo  
que cita Tiraquello nos Comentarios de Alexandre ab  
Alexandro. Celio Rodoginio l. 23. cap. 12. Auendo esta  
diferença na mão direita, & esquerda, como aduertio o  
venerauel Beda, Santo Ambrosio, Pierio Valeriano, & o  
refere C, amora super psal. 47. vers. 2. que na mão esquer-  
da, contaõse até nouenta, & noue, & na direita de cen-  
to por diante. O mesmo affirma Pero Belense, & outros.  
Alem disto húa pintura de Iano, que traz Plinio in hist.  
narur. l. 34. cap. 7. Macrobio 1. Satur. capit. 5. & Lilio Gre-  
gorio Giraldo hist. rerum, Syntagmate 4. proua bem este  
custume tam antigo, que por velho cuidou o nosso autor,  
que o não conheciamos. Pintauão a estatua de Iano, com  
numero de trezentos na mão direita, & de sesenta & sin-  
co, ou sesenta & seis na esquerda. O numero da conta pel-  
la circumflexão dos dedos era este. Na mão esquerda enco-  
lher hum dedo, ao modo de simicirculo, valia dez, tres  
dedos trinta: dous vinte, quatro quarenta, & todos cinco  
fincuenta, a palma da mão só estendida valia quarenta.  
Porem se se pintaua, com os dedos circumflexos, valia tu-  
do junto sesenta, & contrahindo o dedo do coração valia  
66. como diz Alexandre ab Alexandro. De sorte q̃ amão  
esquerda da statua de Iano, pera significar o numero de  
sesenta & seis auia de ter os cinco dedos circumflexos, a  
modo

modo de semicirculos : a palma estendida , porre a palma, & o dedo do coração encolhido: *digito qui est minimo proximus complicato*. Na mão direita a circumflexão, & semicirculo dos dedos, que na esquerda valia dez , na direita valia cento, & assi pera que conforme a esta conta a estatua de Iano tiuesse na mão direita numero de trezentos, era necessario que só tres dedos tiuesse circunflexos: & estendidos o dedo pol egar, & o dedo demonstrador, & assim dos trezentos que tinha na mão direita, & dos sessenta & seis da mão esquerda, se fazião os trezentos & sessenta & seis dias do anno. Daqui póde inferir o autor do Exame, não foy sua doutrina tão noua, que a não soubessemos por cá, sem a arrogancia de suas palauras. A segunda novidade, que tambem nos vendeo por bicho da India: he dizer contaão os Francezes, os dias do anno pelas noites, como quem se prezaua de trazer seus principios de Plutão Rey do inferno, a quem erão dedicadas, traz pera prova disto a Cæsar em seus Comentarios, & a Cælio liu. 18. cap. 21. ao que respondo, que nem Cæsar, nem Rodoginio, bem entendidos dizem tal cousa, porque dizerẽ contaão o tempo pela noite, & não pello dia, não he dizer se prezauão de Plutão, senão de Samothés, porque a palaura à *Dite patre*, não he o Rey do Inferno, como querem as fabulas poeticas, senão o filho de Iaphet, & Neto de Noé chamado, Dis, como affirma Beroso liuro 5. E as Chronicas Francesas, & Espanholas, & o fazerem mais caso da noite que do dia, não foy só na prouincia de França naquelle tempo, mas em muitas outras, como aponta Plinio liu. 2. cap. 77. Aulo Gelio l. 3. cap. 2. Censorino lib. de natali die Romanorum. Santo Isidoro l. 5. Etymol. capit 3. os quaes todos affirmão, que os Athenienies contaão o dia do crepusculo da noite, té o outro dia às mes-

*Cæs. in cõ  
mẽt. l. 6.*

*Rodog l.  
18. c. 21.*

*Beros. l. 5*

*Plin. l. 2.  
c. 77.*

*Gelio. l. 3  
cap. 2.*

*Censor.*

*S. Isid. l. 5  
etim. c. 3.*

## Defensão da

Trog Pöp  
Iust l. 2.

S Hiero.  
sup. Ion.  
cap. 1.

Leuit. c.  
23.  
Toftad  
genes. c. 1.  
Eugob. in  
Cosmop.

mas horas, & os Sacerdotes Romanos, os Egepcios, & os  
Astronomos, contauão o dia da meya noyte, te a meya noi-  
te do dia seguinte, & Trogo Pompeyo, com seu Iustino  
liuro 2. diz assy: *Per ordine de inde successione regnum, ad  
Erichtheum descendit, subquo frumenti satio apud Eleus  
in a Triptolemo reperta est, in cuius numeris honorem noctes  
initiorum sacrata.* E bem sabe o nosso autor que Tripto-  
lemo, nem os Athenienses, não se prezauão de ter por pay  
a Plutão, & mais consagraramilhas, em gratificação & hõ-  
ra de ser o primeiro que em Eleusa achou o modo de se-  
mear o trigo, & cultiuar a terra. S. Ieronymo sobre o se-  
gundo capitulo de Ionas, diz, que o principio do dia en-  
tre os Hebreos, era a vespõra, de maneira que a noite era  
principio do dia que vinha, & não fim do que passara, &  
assim contauão hum dia natural da vespõra, & noite do  
dia, té a outra vespõra do dia que se seguia, & este custu-  
me guardauão sem falta na obseruação de suas festas, cõ-  
forme ao preceito que Deos lhe tinha dado, no Leuitico ca-  
pit 23 *à vespera usque ad vesperam celebratis sabbata ve-  
stra.* O Toftado sobre as palauras do Genes. cap. 1. *Factum  
est vespere, & mane dies vnus.* E Eugubino in Cosmo-  
paya, dizem fez. Moyses primeiro menção da noite que  
do dia, pera significar o tempo que duratão as treuas an-  
tes de Deos criar a luz do Sol, inda que imperfeita, que  
conforme a estes Doutores, forão doze horas, æquino-  
ciaes, & chama-se noite o espaço destas doze horas: *In quo  
tenebrae erant super faciem abissi*, por não auer ainda luz  
algũa. Creada pois, que foy a luz até que se pós, passarão  
outras doze horas, pello que des que Deos criou o Ceo, &  
a terra, até a primeira vez, que se pos esta luz, forão 24 ho-  
ras, que he hum dia natural, & assim conforme a doutri-  
na de Eugubino, & Toftado, da noite começou Moyses  
a contar

a contar os dias da criação do mundo. E como Samothés aprendesse de Noé, estas, & outras muitas cousas deduzidas por tradição de seus aúds, & de nosso primeiro pay Adão, he muy possiuel soubessem delle, fora na criação do mundo primeiro a noite que o dia, em cuja lembrança ordenaria Samothés contassem os Francezes primeiro as noites que os dias. Alem disto pella noite se entende o trabalho, & pello dia o descanso, & gloria, como notou o Incognito na exposição do psalmo 41. E psalmo 118. & *Incogn. in* psal. 138 com São Gregorio 2. *moralium capit. 9. Sacra exposit* *Scriptura, sapediem pro prosperis, & noctem pro aduersis po* *Psal. ps 41* *nerere consuevit.* Diz S. Gregorio: & assim David psal. 29. *& 1.8.* *S. Grego.* *2. moral.* *cap. 9.* *Psal. 29.* *aduesperum demorabitur fletus, & admatutinum latitia.* A noite significa a tribulação as lagrimas, & dores, *aduesperum demorabitur fletus,* & o dia o gosto, o contentamento, & o descanso, *& admatutinum latitia,* primeiro ha trabalhos que se dem coroa, primeiro ha victoria que se alcansem palmas, & primeiro ha espinhos, que se colhão rosas: não se vay ao dia da gloria, sem primeiro passar pella noite da perseguição. E como Samothés tinha aprendido esta philosophia do ceo de seu pay Iaphet, & de seu aúd o santo Patriarcha Noé, que primeiro que se visse senhor do mundo, & hum nouo Adão na reparação delle, passou pella noite trabalhosa do diluio vniuersal, de crer he ensinasse esta doutrina tão verdadeira & certa, como comúa & proueitosa aos pouos que governava, em significação do qual ordenaria se contassem primeiro as noites que os dias, & não por respeito das fabulas de Plutão Rey do inferno, que não ouue nunca no mundo. Diz mais o Exame das antiguidades, que não florecerão as letras em França nos tempos antigos, & apontando a Monarquia a César em companhia de Diogenes Laercio, &

## Defensã da

do Philosopho Aristoteles, como deixamos dito no capitulo 19. no lib. 6. de seus comentarios, com cuja autoridade confirma a verdade desta historia. Replica o apurador, dizendo, não tratou Cæsar tal materia: pera proua deste testemunho cansouse em trasladar hũa duzia de regras dos Comentarios de Cæsar, deixando quarenta regras atras, as que fazião a nosso caso, & assim de duas, me ha de conceder hũa, ou que não leo, nem vio os Comentarios de Cæsar, ou que entrou aqui algum genero de paixão, pera que não diga malicia: qual destas seja elle o julgue, mas pera que ninguem se engane com as palauras afeitadas, porei aqui as de Cæsar bem & fielmente, que são as seguintes. *Druides à bello abesse consueuerunt neque tributa vnà cum reliquis pendunt, militia uocationem omniumq; rerum habent immunitatem tantis excitati præmijs, & sua sponte multi indisciplinam conueniunt, & à parentibus propinquisque mittuntur. Magnum sibi numerum uersuum ediscere dicuntur. Itaque annos nonnulli uicenos in disciplina permanent: neq; faz esse existimant, ea litteris mandare cum in reliquis fere rebus, publicis, priuatisque rationibus, græcis litteris utantur. Id mihi duabus de causis instituisse uidetur: quòd neque in vulgum disciplinam eferri uelint, neque eos qui discunt litteris confisos minus memoria studere: quòd ferè plerisque accidit, ut præsidio litterarum, diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittanti in primis hoc uolunt persuadere, neque interire animas, sed ab alijs post mortem, transire ad alios, atque hoc maximè ad uirtutem excitari putant, metu mortis neglecto. Multa præterea desideribus, atque eorum motu, de mundi ac terrarum magnitudine, de rerum natura, de deorum immortalitè ui, ac potestate disputant, ac iuuentuti tradunt. Quer dizer. Os Druidas na prouincia de França, né entração em batalhas,*

Cæsar. in  
côm. l. 6.

talhas, né paguão tributos como todos os mais do pouo, porque são liures, así do perigo da melicia, como do trabalho de todas as mais cousas onorosas: por cujo respeito são muitos os que aprendem as sciencias assim por gozar do premio, & izenção que entre elles tem os sabios, como pollos obrigarem, & mandarem seus pays, & parentes. Estudão, segundo dizem, muyto grande numero de yeros, & são tão dados ás letras, que continuão vinte annos no estudo dellas: & usando, quasi em todas suas cousas, assim publicas como particulares, das letras Gregas té por inconueniente polas em memoria escreuendoas em liuros: por duas rezões, quanto ao que me amim parece. A primeira por se não deulgar, nem consentirem a saiba a gente do pouo, porque assim podem ficar de menos estima. A segunda pera que aquelles que estudão se não descuidem em as ter na memoria: confiados em estar escrita nos liuros a sciencia que aprendem. O que acontesse muitas vezes a muitos, que com a confiança de acharem nos liuros, as sciencias que estudão não poem a diligencia q̄ deuem em as estudar: & as perdem de memoria pella não exercitar. Primeiramente, pretendem persuadir não ha morte pera as almas, mas que depois de morto o corpo se passão de hũa pessoa pera outra, & com este presuppsto desprezão o temor da morte, & animãose pera seguir a vir-  
tude. Alem disto tudo, disputão muitas cousas das estrelas, & do mouimento dellas, da grandeza do mundo, & terras, da natureza das cousas, da força, poder, & virtude dos Deoses immortaes. Estas são as palauras de Cæsar no sexto liuro dos seus Comentarios. Iulgue agora qualquer pessoa que isto ler, em que verdade fundamento, ou tenção, se fundou o autor do Exame encontrando a Monarquia Lusitana, pera afirmar, não dezia Cæsar tinhão sci-



encias os Franceses, como aponta o Doutor frey Bernar-  
do em sua Monarquia? Ou quem o enganou, pera se per-  
suadir, não aueria no mundo quem acudisse pella verda-  
de, pois não ha tempestade tão desfeita que a leue deba-  
xo de suas ondas por mais enuoltas que corrão as agoas  
della. Nem sei quem fez ao nosso autor tão afeiçoado ao  
Emperador Helio Gabalo, de quem diz Herodiano, co-  
mo refere Beaux-amis Harmoni. Euang. tomo 2. que deu  
hum grande banquete fingido, onde os manjares exqui-  
sitos, & vinhos preciozos que cõ grande aparato se dauão  
aos conuidados era hũa pura ficção & mentira: & assim  
ficarão os enganados hospedes perdidos de desejos doq̃  
vião, & mortos com fome do que não comião. Este ban-  
quete nos faz o Exame das antiguidades: quer não coma-  
mos a verdadeira historia, que he manjar do entendimẽ-  
to, & faznos hum banquete, se o he de igoarias fingidas,  
de Iunos, Iupetres, & Plutões Rey do inferno, que nun-  
qua ouue, mais que fingidos, falsos, & métirosos. Ou deue  
querer a memos as sombras perdendonos por ellas, como  
se todos foramos tão ignorantes como Narciso, que ven-  
do sua figura na fonte se perdeu por ella. Ou tão necios  
como Pigmaleon afeiçoados a sua fingida estatua, de qué

Ouid. l. 3. diz Ouidio lib. 10. Matamaforseos.

Matam.

— *Et hauris*

*Pectore Pigmalion simulati corporis ignes*

*Sape manus operi tentantes admouet, ansit*

*Corpus, an illud ebur, nec ad huc ebur esse fatetur.*

CAP.

## CAPITULO XVIII.

*Defendese a Monarquia Lusitana a serca da historia da famosa Simiramis Raynha de Babilonia: dasse a verdadeira expozição a hũ lugar de Plutarcho a serca desta materia: tocasse quãta mais força tenha o Exemplo de hum Principe, que sua mesma ley.*



**G**RANDE he por certo a obrigação em q̃ está a Raynha Simiramis, ao autor do Exame das antiguidades, porque como não aja cousa algũa que seja de mór estima que a hõra, & elle acuda com tantas veras pola sua, se lá do inferno lhe não beijar as mãos, & com algum genero de satisfação lhe não satisfizer tam boa vontade, não deixará de ser notada tanto de ingrata como de desenuolta: posto que por outra parte não lhe tem nenhũa obrigação, nem lhe fica em diuida, porque o nosso autor não lhe faz este seruiço tanto pella seruir, como por encontrar o da Monarquia, & jurara eu sem encarregar a conciência, posto que a tiuera tão cristalina, escrupulosa, & delicada, como a sua, que se a Monarquia differa de Simiramis, que fora honesta, casta, & virtuosa, ouuera o Exame de affirmar o contrario. Mas pera que procedamos com algũa clareza, he de saber, que Simiramis, segundo affirmão quasi todos os escritores assim Gregos, como Latinos, que nos contão sua vida, entre os quaes he Luciano na sua *Dea*

*Lucia. in  
Syria dea Syr.*

## Defensão da

**Diod. l. 3** Syria, Deodoro Syculo l. 3. Sabellico æneid. i. l. i. Trogo,  
**Sabel. l. i** & Iustino l. i. com outros muitos que o seguem: foy acha  
**æneid. i.** da em Syria junto de hum lago, a qual creauão as aues cõ  
**Pier. Va-** queijo fresco, & leite coalhado que tomauão aos pastores  
**ler. ca. de** daquelles campos, té que advertindo elles na continua-  
**Colūb. 8.** ção das aues, pera aquella parte do lago, curiozos de saber  
**Semir.** o que era forão dar com a menina, & compadecidos da  
**Plutar.** criança a leuárão ao mayoral dos pastores de Nino, o qual  
**nos apot.** como era velho, & sem filhos a criou com tanto amor, co-  
**Plin. de** mo se verdadeiramente fora sua filha: chamoulhe Simi-  
**nat. hist.** ramis que em lingua Syria significa aue, principalmente  
**l. 8. c. 42.** pomba, como affirma o Viterbense sobre Beroso, dizen-  
**Viterb. su** do: *Diodorus in 3 scribit Simiramidem natum ex Dea As-*  
**per Bero.** *calonita, quam Dir. setem, idest, Semipiscem uocant: Eamq̃*  
**Diod. l. 3.** *dictam Semiramidem, quòd, Simiramis lingua Syra dicantur*  
*aues, à quibus nutrita sit, & potissime columba &c.* Cre-  
 cendo a menina em idade & fermosura namorouse della,  
 Menon, Governador de Syria, & muy priuado del Rey Ni-  
 no, & pedindoa por molher a Syma o pastor que a creara  
 cazou com ella, & a leuou pera a cidade de Nineue onde  
 naquelle tempo estaua a Corte. Porem fazêdo Nino guer-  
 ra a Zoroastes Rey dos Braçtianos, & leuando consigo a  
 Menon: como a guerra & cerco da cidade de Braçtia se di-  
 latabse apertárão com Menon as faudades de Simiramis  
 sua molher, em forma que não podendo viuer sem sua vi-  
 sta, & companhia, a veyo, ou mandou buscar pera a ter cõ  
 figo: por cuja industria se ganhou a cidade, & Nino se per-  
 deo por seus amores: & como poderosos não admitão  
 mais razão que a de sua vontade, não olhando aos gran-  
 des seruiços que Menon lhe tinha feito em toda a vida  
 lha tomou por força, & se casou com ella; sendo tão gran-  
 de a magoa de Menon, vendoa doutrem possuida, que ce-  
gando-

gandolhe a payxão o entendimento, & desesperado de remedio, se enforcou, sendolhe mais soffriuel a morte, que a pena que o amor lhe ordenaua. Morto Menon primeiro marido de Simiramis, ouue elRey Nino della hum filho, a quem chamou Sameu Nancias, ou Nino, como lhe chama Berofo, & o Viterbenfe, no feu quinto, tam parecido com a mãy, que morrédo Nino em tempo que o filho não tinha idade pera gouernar, tomou Simiramis o gouerno do reyno, & temendo algũas alteraçõs & tumultos, imaginando não cõsentirião os pouos, serem gouernados por hũa molher se fingio o filho, sendo sua mãy, o que pode fazer com muita facilidade, pollo muyto que se parecião, segundo notou Trogo Pompeyo, & feu abreuiador Iustino. no l. i. cujas saõ as palauras seguintes. *Hac nec immaturo puero ausa tradere imperium, nec ipsa imperium palam tractare, tot ac tantis gentibus vir patienter vni viro, nec dum femina parituris, simulat se pro uxore Nini, filium, pro femina, puerum. Nam & statura utriq; mediocris, & vox pariter gracilis, signa, forma, lineamentorum aequalitas, matri ac filio similis.* Fez esta Raynha marauilhas em armas vencendo muitas batalhas, & trazendo muitas gentes a seu Imperio: reedificou os muros de Babilonia, & fez aquelles pomares tão celebrados, que os autores cõtão por hũa das sete marauilhas do mundo. Foy tanta a grandeza de feu animo que estando na sua cidade de Babilonia hũa menhá, entransando os cabellos, tendo já hũa parte delles composta, & a outra solta, lhe derão nouas auia grande reboliço na cidade por estarem os imigos batendo os muros & portas della: acudio a famosa Raynha com tanta pressa, como diz Rauisio, & Calepino, com o Tarcanho-ta, que com a parte dos cabellos solta se pos a cavallo, & deu aos imigos com tão grande esforço, que os pos em fugida, lib. 6.

Berosf. l. 5.  
Viterb. eo  
dem loco.

Trogo, &  
Iust. l. i.

Rauis. in  
offe.

Calepin.  
verb. Se-  
mira.

Tarcanh,  
lib. 6.

## Defensão da

fugida, & quietou o pouo: & tornandose ao paço, acabou de enfiar os cabellos com tanta quietação, como se o que deixaua feito não fora nada. *A esta Raynha Simiramis dera eu (diz o Doutor frey Bernardo) o primeiro lugar entre as insignes molheres do mundo, se lho não tirara a pouca continencia de sua vida: porque junto com estas virtudes he notada de muy laciua, & por tal a canonizão os Autores que contão sua historia, entre os quaes Diodoro Siculo, & Santo Agostinho lib. 18. da cidade de Deos cap. 2. no comento, affirmão, tinha ajuntamento com os soldados que melhor lhe parecião do exercito, & os mandaua logo matar, querendo com isto encubrir sua deshonestidade. Nem falta quem diga della, que se namorou de hum ginete branco, mas isto parece mais encarecer do necessario, & Diodoro diz, que cometeo a seu proprio filho Zameu ou Nino o menor. Estas são as palavras da Monarquia, contra as quaes se arma o Autor do Exame das antiguidades de ponto em branco, & sem tirar nem por affirma foy a Raynha Simiramis honestissima, dizendo. Mas deixando isto, que tambem a Monarquia reprova, posto que mais brandamente do que o caso merece, parecia razão que nas dissoluções que vai referindo, & encarecendo desta Raynha, se reportasse mais hum pouco, pois não falta quem diga, ser ella por estremo honesta, & conhecida por tal. Antes que a isto respondamos lembro ao Autor do Exame, não he vicio, nem digno de reprehensão notar os defeitos dos antigos, antes tão louuavel, como celebrar suas virtudes, pois fica por castigo dos maos, sua má fama, & por premio dos bons, o louuor de suas obras; & a historia nem ha de seruir de satira, nem so de Encomio, antes com a brandura dos lououres, deue temperar os vituperios, como se vé na Monarquia Lusitana, que se por hũa parte diz a vida estragada de Simiramis*

ramis, por outra engrandelle suas proezas, & perfeições: & assim, nem pello Doutor frey Bernardo escreuer as dissoluções de Simiramis, dizendo juntamente suas grandezas não deue por isso ser notado, pois segue o estilo que seguirão muyto grandes autores. E Beroso se por hũa parte Berof. pregoa as obras famosas que fez Simiramis, não deixa por outra de dar a entender suas desenuolturas, dizendo: *Nemo vnquam huic femina comparandus est, virorum, tanta in eius vita dicuntur, & scribuntur, cum ad vituperationem, tum maxime ad collaudationem magnifica.* E São Cypriano não perdeo nada de sua virtude em dizer os defeitos de Phedra, nestas palauras. *Quae cum Hippolito filio persuadere interetur, uti execrabili adulterio sua libidinis satisfaceret: Iouem in exemplum proferebat, qui specie Tauri Europam sustulerunt.* Quanto mais que são tantos, & tão graues autores, os que affirmão de Simiramis foy deshonesto, & incontinente, que se não pôde por culpa ao Autor que escreuer suas desenuolturas, porque Sabellico liu. Cyprian. 1. aeneid. cap 5. diz della estas palauras. *De certo consta era Simiramis de tão immoderada luxuria, que se namorou de hum caualo.* E Ambrosio Calepino, sem lhe tomar salua Suar. ser. 3. algũa diz assim. *Simiramis nomen Assiriorum Regina Nini regis uxor: verum eadem tam portentosa libidinis fuisse traditur, ut & filij concubitus expectierit, & equum usq; ad coitum adamasse dicatur.* E Trogo Pompeyo, com seu abreuiador Iustino, affirma quasi o mesmo. E Agathio 2. belgot. Orosio l. 1. Sabellico lib. 1. aeneida 1. cap. 6. Sabel. l. 1. aeneid. 1. cap. 5. Pineda Monarch. Eccles. 1. p. l. 1. cap. 31. § 1. & naagri. Christ. dial. 22. Trogo, & Iust. l. 1. Plinio l. 8. cap. 42. Higinio fab. 245. Padre Ioão de Torres na sua Phil. de Principes l. 14. fol. 44, Pero Beuter l. 1. cap. 9. diz: *Simiramis despues de muerto su marido mostro ser tan valerosa, que no* Calepin. verb. Semira. Trogo. & Iust. l. 1.

## Defensãõ da

ha auído en el mundo, ni en las hazañas que hizo, ni en las maldades tan poco, que la profanò. Pierio in Hierogli. cap. de colum. cujas saõ as palauras seguintes: *Satis vero constat tam immoderata libidinis fuisse, ut equum abominabilem probro turpitudineq; adamauerit autore Iuba, eam sane ob libidinis feruorem Euphorion ardentem appellauit.* E o nosso Camões diz della os versos que se seguem.

*Mais auante bebendo seca o rio  
 Muy grande multidãõ da Assiria gente  
 Regida do feminio senhorio  
 De hũa tam bella como incontinente,  
 Alli tinha ao lado nunca frio  
 Esculpido o feroz genete ardente  
 Com quem tiria o filho competencia,  
 Amor nephando bruta incontinencia.*

O mesmo affirma Diodoro Siculo, Tarcanhota, Pierio Valeriano, a Philosophia de Principes, com todos os mais autores que aponteï no principio deste liuro. Diz mais o Exame das antiguidades, que estes males todos, se hãõ de entender, nãõ da molher de Nino, que foy filha de bello Rey de Babilonia, senãõ de outra Simiramis escraua Syriaca amiga del Rey Nino, como diz que affirma Plutarcho, cuja autoridade he a seguinte. *Simiramis Syra ancilla fuit regisq; pellex.* Quer dizer. Simiramis foy criada, & manceba del Rey, & acrescenta o autor do Exame, que *pellex*, em toda a força de Latinidade, nãõ significa qualquer manceba, senãõ somente a que tem conuersaçãõ com homem casado, porque assim o confessãõ, segũdo ellediz, todos os Grammaticos. Primeiramente ja que chegamos a pontos de Grammatica folgara me differa o nosso autor se vio Paulo Manucio, ou Ambrosio Calepio, o qual diz, que, *apud oratores, & Poetas, pellex, nõ tam viri, quam uxoris*

Plutar.

Manut.  
Calepin.

*uxoris nuncupatur.* E Sueton. in *Cæs.* cum *dolabella pelli-*  
*cem regina dicit.* E Ouid. *Epist. 9. Nomine deposito pelli-*  
*cis uxor erit.* E como Simiramis deixasse o primeiro ma-  
 rido Menon, com quem estaua casada, & viuendo elle af-  
 feitasse por seu marido a Nino, chamasse por esta razão  
 pellex, & não pella que quer o autor do Exame, & isto  
 quiz dizer Plutarcho com seu interprete Guilhelmo Xi-  
 landro. O chamarlhe Plutarcho Ancila Syra, faz muito  
 pouco a seu caso, antes he o mesmo que contão os histo-  
 riadores, que escreuem sua vida: porque dado que fosse fi-  
 lha da Nimpha Dirseto, como a criou o pastor Symma,  
 não na deuia de ter em estrados, senão seruiase della co-  
 mo de criada, que isto quer dizer ancilla: & como isto tu-  
 do aconteceu em Syria, chamalhe Plutarcho Syra Ancil-  
 la. O que me mais admira do nosso apurador de antigui-  
 dades nesta historia, he seu raro saber, & habilidade, por-  
 que não auendo mais que hũa soo Simiramis molher de  
 Nino: quernos meter em cabeça, forão duas, repartindoa  
 em duas partes, no que excede a Salamão: porque o Rey  
 sabio naquella demanda tão sabida daquellas duas mo-  
 lheres, aserca de julgar qual dellas era mãy do menino q̄  
 leuauão, dizendo hũa que era seu filho, & a outra affir-  
 mando o mesmo por sua parte não auendo mais proua q̄  
 a confissão de cada hũa: mandou Salamão se partisse o  
 menino pello meyo, & cada hũa dellas leuasse sua ametade:  
 porem esta ametade era morta & sem vida. O nosso  
 autor partenos a Raynha Symiramis pello meyo, & fa-  
 zendo de hũa duas, ambas ficão com vida, & ainda com  
 diferentes costumes, porque hũa ametade era honesta,  
 casta, & virtuosa, & a outra laciua, adultera, & má. Dizer  
 o Exame foy Simiramis filha de Belo, não foy a meu ver  
 bem aduertido, porque Bello foy pay de Nino, como diz

Sueton. in  
Cæs.

Ouid.  
epist. 9.

Plutarch.  
Guilhel.  
Xilandro



*Berosus.* Beroso, & todos os que d'elle escreuem, & assim ficou Ni-  
no casando com sua mesma irmã, & estes casamentos de  
irmãos, abomina o nosso autor, na ley que Simitamis fez  
nos parentescos, pello que lhe peço veja isto melhor, &  
então faremos tudo o que nos mandar. Quanto mais pre-  
guntara eu ao apurador das antiguidades, que deue ter  
esta mais que bem apurada, que se fez desta senhora Ray-  
nha Simitamis filha de Bello? Que autor trata da vida,  
& morte desta honesta Raynha? Não pôde ser senão que  
Zoroastes, ou outro semelhante compadecendo-se das  
grandes magoas que a pobre Raynha padecia, vendo a  
el Rey embaraçado com outra a metade sua, lhe fez (por-  
que a continuação das lagrimas a não matastem) algum  
encantamento de Linda Bridis, nas praças de Babilonia,  
ficando o fim desta aventura reseruido ao nosso autor,  
pera no fim de tantos centos de annos, entrar com a acha  
de Theseu, & desfazer tão grande encantamento, como  
he darnos esta noua Simitamis, de que até oje não ouue  
noticia em quantos autores escreuerão. E como esta dou-  
trina he tão noua, bem lhe podemos dar a gloria do pri-  
meiro inuentor della: & os Ingrezes não tem que descõ-  
fiar da vinda do seu Rey Arthur, porque assim como a go-  
ra appareceo de nouo esta noua Raynha Simitamis, as-  
sim hade vir ainda gouernalos o seu bom Rey Artur. Fol-  
gará tambem me ensinara o nosso autor, se esta Raynha  
Simitamis, tam honesta, como virtuosa, & casta, he a q̃  
gouernou o reyno dos Assirios, & Persas quarêta & dous  
annos em nome de Nino, seu filho? ou a escrava disoluta,  
má, & deshonesta, com todos os mais males, que sua M.  
della diz, & quizer? porque se era a adultera, & escrava Sy-  
ria, quem a fez tam parecida com Nino, não sendo seu fi-  
lho, que na voz, no corpo, no rosto, no andar, & no pare-  
cer,

cer, fossem tão semelhantes, como diz Iustino, que entre *Iustin. vb. sup.* hum & outro, senão enxergasse algũa differença? Alem disto, tão ignorante, ou tão paciente era Nino, que sofria que hũa escrava adultera, & que tantos agrauos tinha feito á Raynha sua máy, governasse seu imperio tantos annos? & elle com tanta paciencia como se fosse Iob no monturo: ou Santo Aleixo debaixo da escada de seu pay. Saberme ha dizer o nosso autor, que exercicios erão os da verdadeira Simiramis filha de Bello, tia, & máy, de Nino? Ou se em quãto a escrava adultera governaua o imperio de q̃ ella era senhora, fazia tantas batalhas, & alcançaua tantos triunfos, estava tecendo algũa tea como a casta Penelope esperando pello seu Ulises? Alem disto esta Symiramis honesta, & virtuosa, he por ventura a que entrou na India contra Escaurobates Rey della? He a que fez os muros, & pumares de Babilonia? de quem se contão cousas tam famosas, que diz Trogo Pompeyo: *Nec hoc illi dignitate regni ademit, sed admiratione auxit, quòd mulier non faminas modo virtute, sed etiam viros anteiret.* *Trog. Põp. vb. sup.* E se esta he a verdadeira Simiramis, como naverdade he, porque não ouue nunca outra no mundo; da mesma sem tirar, né por, dizem os historiadores, os amores do filho, dos soldados, & do mais que aponta a Monarquia, & senão veja, & lea, Sabellico, na pratica que Escaurobates fez animando a seus soldados, estando pera romper a batalha, & ahi achará quam honesta, & virtuosa foy a senhora Simiramis. Acerca da ley que a Monarquia affirma fez Simiramis de cazarem pays com filhas, & filhos com máys, que o autor do Exame tam seueramente reproua, dizendo, não teue o Doutor frey Bernardo razão, em dizer que Simiramis fez ley de tais desposorios: são as palavras do nosso autor as seguintes. *Ià aqui, diz elle, me*

não parece que teve o nosso autor sobejá justiça em dizer que Simiramis foy dogmatista daquelle torpe vicio, porque inda que sua deshonestidade chegara a tanto, que a obrigara a cometer seu filho (o que não he bem que iulguemos por certo) muito maior falta era fazer ley de peccado tam abominavel, que cair ella soo, em hũa afeição desordenada. E acrescenta logo mais abaixo. Podemos tambem notar, que aquelle vicio, mais razão avia, que o tomassem os Assirios que não os Persas &c. A estes inconuenientes respondo, que o historiador não tem obrigação de deffender se os costumes antigos forão bons, ou maos, cóformes á razão, ou alheos della, senão contar a historia como a escreuem os autores que aponta, & segue. O author que a Monarquia diz, que Symiramis fez ley de filhos poder casar com mãys he Pierio Valeriano lib. 22. cujas palauras são as seguintes: *Quod vero de Simirami dicebamus, addemus, & illud, ab ea derivatum, ut Persa matrum, filiarumque suarum coniugia non abhorreant, utpote quæ filium ad stuprũ usque cõsuetudinem adamasse fertur.* Ia nestas palauras de Pierio tiramos a limpo, que os cazamentos de pays com filhas, & de filhos com mãys, era entre os Persas, como diz a Monarquia, & não entre os Assirios, como quer o Exame. Faz por esta parte a autoridade de Eusebio Cesariense lib. 1. de preparatione Euang. cap. 2. onde diz. *Nuptia matrum cum filiis proprijs cessauerunt apud Persas, quæ ante Euangelij prædicationem ibi contrahabantur.* Quer dizer, os cazamentos de mãys com proprios filhos cessarão entre os Persas, pella prégação do Euangelho. O mesmo affirma Suarez serm. 17. E não era isto cousa muy noua, porque este costume vinha ja de Cham, do qual diz Beroso liu. 3. como aponta Bento Pereira in Genil. lib. 14. Estas palauras. *At vero Cham cum publicè corrumpere mortale genus*

Valer. l. 22

Euseb. l. 1  
de prepar.  
Euang. 2

Suar. ser  
7

Beros. l. 3.

Pereir. in

Gen. l. 14.

genus

genus, asserens, & exemplo suo docens, congregiendum esse cum matribus, sororibus, filiabus, masculis, & brutibus, & ob hoc eiectus est à Iano pijsissimo, & castissimo, sortitusque est cognomentum Efen-Enna, significat autem Efen, apud Scythas Aramaeos, infamen & impudicum. Enua, verò incubum & propagatorem: huius Champestifera dogma secuti sunt Aegyptij &c. E o Poeta Euripides in Andromade, diz.

*Tale est omne barbarum genus*

*Pater cum filia, filius cum matre*

*miscetur soror cum fratre.*

Pello que não teue muita justiça o apurador das antiguidades, em querer reprovar a Monarquia, por dizer casarão os Persas com suas filhas, pois o dizê tantos & tão graues autores. Nem o argumento que faz contra a Monarquia *Claudia.* acerca de se diriuar de Symiramis aos Persas, casarem os filhos com suas proprias mãys, he concluyente, porque tem tanta força o exemplo de hum Principe, que mais pode com o pouo sua vida que sua ley, como diz Claudiano nestes versos.

— *componitur orbis.*

*Regis a dexemplum: nec sic inflectere sensus*

*humanos, edicta valent, quam vita regentis.*

O vulgo sempre se muda com a mudança de seu Rey, & assim como o mar, imita o ar que o rodea, de maneira que se está quieto, tambem nelle ha quietação, & se répestuoso, não faltão nelle tempestades, assim se o Rey he justo, não falta justiça em seu reyno, se peruerso, tais ficão sendo seus vassallos, porque as virtudes, ou vicios, que ha no principe, he visco em que se prendem aquelles que o obedecem. Perturbouse Herodes com a vinda, & pergunta dos Magos, & logo esta perturbação se apegou aos letrados,

## Defensã da

dos, & grandes de Ierusalem. Pello mesmo caso, q̃ o Principe he affeioado a hũa cousa, o fica sendo tambem o pouo, inda que nisto vá contra sua condiçã, & natureza, Anda o Rey nos olhos de todos, por tanto seus defeitos campeão mais, & são mais contagiosos, se he belicoso, & affeioado á guerra seus vassallos, tratão de armas, se virtuoso, tudo he virtude: & assim notou o Chronista do nosso Rey dom Ioão, que em seu tempo ouue muitos hypocritas, porque ja que não tinhão a verdadeira virtude na alma, trabalhauão pella mostrar nas apparencias de fóra: que como o pouo he sombra do principe, acaba segundo diz Claudiano, mais com a obra que com a ley, & mais dana com o exêplo, que com o peccado. Com este conhecimento dizia Ciro, conforme affirma Xenophonte, que o Principe era ley de seus vassallos, & Plinio lembrava ao Emperador Trajano que a vida do Rey era a regra pella qual os subditos dirigião seus actos, & que mais necessidade tinhão de exemplo, que de imperio, porque o exemplo tem em sy este bem, que he proua de se poder fazer o que se manda: pois todos tem por glorioso, o que com exemplo de seu Rey está acreditado. Entre os de Ethiopia val tanto o exêplo de seus principes, como diz o Bispo de Portalegre dialogo quinto, que se elles coxeão, ou tem menos hum olho, seus vassallos se priuão voluntariamente do uso dos tais membros: auendo que lhe não está bem andar direito, quando elle manqueja, nem ter dous olhos, quando o seu Rey não tem mais de hum soo. Sendo pois isto assim, que muito he casarem entre os Persas pays com filhas, & mãys com filhos, vendo que a sua famosa Raynha o fazia, ou mandaua? E isto não por costume, senão por ley, porque Symiramis, se teue o desejo de casar com Nino seu filho, não alcançou o effeito d'elle, pois só as mostras forão occasião de sua morte, & assim

não

*Chron del  
Rey dom  
Ioão.*

*Xenophõ.  
Plinio.*

*Bispo de  
Portaleg.  
dial. 5.*

não ouue costume, como quer o Exame, senão ley como diz a Monarquia, & quem vay contra verdades calificadas com o testemunho de escriptores tão autenticos, bem lhe podera acontecer o que aconteceu a Homeromastix com o liuro que offereceo a Ptolomeo Rey do Egypto.

## CAPITULO XIX.

*De como Gereon foy Rey de Espanha, & da Ilha em que fez sua habitação: prouase como a ilha Eritrea está em Lusitania: excuteffe hum lugar de Plinio no liuro quarto no capitulo vinte & dous.*

**G**RANDE he o trabalho que o apurador das antiguidades toma em nos querer persuadir, não ouue Geriões em Hespanha, & a graça está, que quando quer que a Ilha Eritrea seja Cadiz, prouao com dizer & affirmar reynou nella Geryon: & quando lhe deu na vontade escreuer não veyo a Espanha affirma morou em Ambraeia no reyno de Epiro, ou em Albania junto de Armenia. Mas porque não seja isto, *in aere piscari*, será necessario dizer quem foy Gerião, conforme escreue Floriã do campo em sua historia geral, & o allega hum historiador Espanhol, dizendo. *Luego que murio Betto, concuerdan Florian, y Beroso, que tomo Deabo el Reyno por tyrania, saluo que Florian diz, que este Deabo fue Africano, y que por ser aduenedizo, le fue dado nombre Gera, o Gersa, y despues corruptamente fue llamado Gereon, los quales nombres*

*Flor. in  
hist. gen.  
Baxter in  
chro. Hisp*

*en len-*

## Defensã da

*lib. de reg. Afri. io.* en lengua Chaldea, son lo mismo que estrangeiro, y esto de ser Deabo aduenediço, y no natural, atribuylo Florian a Beroso no queriendo consentir en ello: yo empero guardandando el credito, que se deve a tan graue autor como es Florian, no

*Beuter. ub sup. Plinio. Ptol. ap. Aunicum sup 5. Berosi. Diod. l 5. Liui. l. 1. Herodo. in Mel. Celio. Arceb. de Toledo. Marian. Calepin. Pineda. Peña fiel. Tamayo. Rey dom Afonso. Mela Laymãd. lib. Toper Dionis. Beuter. Alladio. B. de Gir. Annio sup Berof. Nicol. Ca lio. Vaseo,*

allo que Beroso diga tal cosa, sino que a los treinta y dos años del principado de Armatrites Rey de los Assirios, tomo Deabo la tirania de los Hespañoles, y que merecio tener este nombre por las minas de oro, y por las riquezas que en Hespañña tomo apremiando las poblaciones. E na verdade isto mesmo he o que diz Beroso cujas laõ as palauras seguin-tes. Anno Armatrites, trigessimo secundo apud Celtiberos tyranidem assumpsit Deabus, qui hoc cognomentum promeruit à fodinis auri, & dinitijs, quas primus ibi cepit, & inuenit opprimens colonias. Fundou Geryão, segundo affirma Floriã do Campo, & Pero Beuter, a cidade de Girona na prouincia de Catalunha: esta cidade chama Plinio & Ptolomeo Lomnimia, como aponta o Viterbense sobre o quinto de Beroso, inda que algũs escriptores corrópendo o vocabulo lhe chamão Laminia. O mesmo de Geryon reynar em Espanha affirma Diodoro lib. 5. Tito Liuiio lib. 1 Herodoto in Melpo. Celio lib. 6. cap. 7. Dom Rodrigo Arcebispo de Toledo lib. 1. Chro. O padre Ioão de Mariana de rebus Hispaniæ lib. 1. cap. 8 Ambrosio Calepino, verbo Geryones, Pineda na sua Monarquia Ecclesiastica 1. p. lib. 1. cap. 33. Diogo Matute de peña fiel cap. 3. & 4. Dom Thomas Tamayo de Vargas lib. 1. El Rey Dõ Afonso o sabio cap. 8. Pomponio Mella lib. 3. cap. 6. Laymundo de reb. Luit lib. 1. Esteuão lib. Toperi Dionisio in Perieg. Plin. lib. 4 cap. 22. Alladio de sacrif. O Bispo de Girona lib. 1. Ioão Annio super Berosum, & libro de antiquit. temporum cap. 10. Et libro de regibus Hisp. Niculao cæli. in monast. Vaseo lib. 1. capit. 10. O nosso Andre

de

de Rezende lib. 3. cujas são as palauras seguintes. *Ego multos per totā Hispaniam diuersis in locis reges, an potius regulos semper fuisse existimo, quales fuerunt Gargoris, Abides, Argantonius, & Geriones.* Quer dizer, Muytos Reys, ou Regulos governarão sempre a prouincia d' Hespanha, entre os quaes forão Gargoris, Abides, Argantonio, & Geryoês, pois peccador de mim, com tantos, & tão graues autores: inda que á Monarchia os não aponta, não podia dizer o Doutor Frey Bernardo com muita confiança, razão, & fundamento reynata Geryon em Hespanha? E soo porque Arriano lib. 21. & Palephato lib. 1. de Fabul. narat. tem por fabuloso auer tal Rey em Hespanha, senão em Ambracia, & Amphilochia, como quer Arriano, as quaes cidades situa Plinio lib. 4. cap. 1. & outros muytos em Epyro, & Palephato indo por outro caminho quer reynasse Geryon em Trinacria, no Ponto Euxino, cuja oppenião segue o nosso Autor, soo por ser Martinus contra. Mas a differença que vay da multidão dos Autores, que afirmão veyo Geryon a Hespanha, & reynou nella, á dous que seguem o contrario, pode julgar qualquer pessoa, sem cansar muyto o entendimento. A autoridade que o apurador das antiguidades traz de Celio Rodoginio. lib. 6. cap. 7. & de Pierio Valeriano lib. 32. não faz a seu caso: porque estes Autores nenhũa outra cousa fazem mais, que dizer o disse Hæcateu, & como os Gregos segundo diz o Viterbense, & nos o prouaremos largamente em outro lugar, querem que o seu Hercules, filho de Almena, fosse o que excedesse a todos os que tiuerão este nome, que forão muytos, todas as glorias que se deuem aos outros, atribuem ao seu Grego, pello q̄ todas as proezas que Hercules libio fez em Hespanha, querem elles as fizesse o seu em Grecia. Bem se deixa isto entender das

Beut. l. 1.

Altid. de

sacr. Bisp.

de Giron.

Annio sup

Ber. & l.

de antiq.

temporū

cap. 10.

Nicol. Cel

in Monaf.

Vaseo l. 1.

cap. 10.

Resende l.

3. Arria. l.

21. Pal. l. 1.

Plin. l. 4.

cap. 1.

Cel. l. 6.

cap. 7.

Pier. Val.

l. 32.

Hecateu.

Ioan. de

Viter.



## Defensãõ da

mesmas palauras de Celio, quando diz *Quod vero ad Geryonem expectat, ad quem Argiuis Hercules, &c.* E Hercules Argiuo foy o Grego, & não o filho do Osiris, que he o ponto que tratamos. A authoridade que o Exame traz de Strabo lib. 3. tambem não fauorece sua oppenião, por-  
*Strab. l. 3.* que Strabo diz. *Pherecidas autem Gades Erytream videtur appellasse, in qua ea quæ de Geryone vulgantur fabulis insinuant.* Isto que Strabo diz das fabulas de Geryon, não he por ter por fabuloso reynar Geryon em Hespanha, senão que de Geryone vulgantur. E a fabula he, dizerem, era Geryon hum homem de tres cabeças, & fingirem tinha hum Cão de duas, & fazerem lhe hũa estatua de hũa só cabeça, mas de tres rostos, & de seys braços, sobre os quaes estava hũ elmo, & a razão disto he, porq̃ como os Poetas antigos erão muy grãdes Philosophos, debaixo de suas fiçoês poeticas encerrauão muito grãdes Philosophias; pelos 12. trabalhos que passou Hercules, tão celebrados dos Poetas, entendião os 12. signos do Zodiaco, que o Sol anda em cada hum anno, como notou Macobrio lib. 1. *Macob. l. 1. cap. 20.* Pintarê a Iano cõ dous rostos, foy pera mostrar, como diz Verderio lib. de imag. deo. os 12. meses do anno, porque hũa dellas significaua os 6. do Inuerno, & a outra os 6. do Verão, da mesma maneira, como os 3. Geryoês, sendo irmãos, & Reys d' Hespanha, se amassem com hum amor tão grande, que ao que hum queria, não contradizia o outro, & em negocio de mandar, no que hũ mandaua, consentião todos: por esta vnião de vontades, que auia entre os tres irmãos filhos de Geryão: fingirão os Poetas reynara em Hespanha hum Rey de tres cabeças, assi o afirma Iustino lib 44. nas palauras que se seguem. *Porro Geryonem ipsum, non triplicis nature, ut fabulis proditur, fuisse ferunt: sed tres fratres tanta concordia exte-*  
*tisse,*

uisse, ut uno animo omnes regere viderentur. Como se differa, não cude ninguém teue Geryon tres cabeças, como contão as fabulas, senão forão tres irmãos de tanta concordia entre si, que parecia governauão todos o Reyno com hum só animo, hum só querer, & hũa só vontade. E o fingirem tinhão hum Cão de duas cabeças, foy pera mostrar, era poderosíssimo em vencer batalhas, assi no mar como na terra. Assi o affirma Ambrosio Calepino verbo Geryon. Onde lemos. *Nomen regis Hispania, quem Cal. verb. Hercules interfecit: hunc tricorporem fuisse fabulantur ob Geryon. triplex regnum, praefuit enim tribus insulis quae adiacent Hispania, Belearica maiori minori, & Ebusa. Fingitur etiam bicipem habuisse canem, quia, & terrestri, & nauali certamine plurimum potuit.* Assi que fingirão os Poetas, como Lucrecio lib. 5.

*Quid ve tripectora ter gemini vis Geryona.* Que Geryõ tinha tres cabeças, foy pella conformidade do animo cõ que governauão os tres irmãos, ou pellas tres Ilhas de que erão senhores. O mesmo escreue Frey Diogo Suarez ser. 19 onde diz; *Geryoni Hispania regi duo fratres erant adeo inter se animis copulati, tam in rebus publicis, quã priuatis, prudenter administrandis ut illis statua vnus capitis erigeretur, sed in quo tres graphicè facies depingerentur. Sex quoq; eidem Brachia fuerunt afficta, quae vnum tantummodo clypeum sustinebant, ut sic mutua illorum concordia adũbraretur.* Quer dizer, Geryon Rey de Hespanha tinha dous irmãos, tão vnidos na vontade, assi no governo das cousas publicas, como em administrar as particulares, que lhe leuantarão hũa estatua, a qual tinha seys braços, com hum elmo, mostrando nisto a concordia com que viuião os tres irmãos. Destas authoridades todas tiramos em limpo, que he verdade, forão os tres irmãos chamados

## Defensãõ da

*Beros. l. 5.* Geryoës, a quẽ Beroso no seu quinto chama Lomnimios, Reys d' Hespanha, & que só he fabula dizer foy hum homem de tres cabeças, de seys braços, & que tinha hum Cão de duas cabeças, mostrando no Cão erão poderosos no mar, & na terra; & nas tres cabeças, & seys braços, erão tres irmãos no mandar, & hum só querer, & hũa só vontade no dispor. E isto foy o que quis significar Strabo, quando disse: *In qua ea quæ de Geryone vulgantur fabulis insinuant.* E não o que sonhou o Autor do Exame. Quanto mais que as materias que consistem em oppozições de Autores, hão de trabalhar muyto os que escreuem, de hir com muyta modestia no reprovar aquella que lhe menos contenta, porque quinto Curcio, Clitarcho, Polycricrin. Cur. to, Antigene, Histro, Onixicrito, & outros dizem teue Clitar. o grande Alexandre dous filhos, hum chamado Hercules Policrito. & outro Alexandre, filho de Thalestra Raynha das Amazonas: contra este parecer vay Aristobolo, Hysingelus, Antiq. Ptholomeo Philo Thebano, Hecatzo, Phellippe Calcidico, Duris Samio, & Plutarcho Cheronense, afirman- Hist. do todos não teue Alexandre mais que hum só filho, chamado Hercules, & o glorioso S. Hieronymo diz não teue Ptholom. Alexandre nenhum filho, & nem por S. Hieronymo fer Phil. Th. só nesta oppenião temos licença pera dizer, não acertou Hecatzo. no que disse, & assi digo que: *Interpretor, & non reprehendo Hieronymum, ne videar audere Athenis Minerua violare.* Pello que a authoridade de S. Hieronymo quando diz não teue Alexandre nenhum filho, não teue nenhum filho que o herdasse, & lhe soccedesse no Imperio: Pint. apu. porque Hercules seu filho morreo menino, & não chegou Ezech. a possuir os Reynos de seu pay. Da mesma maneira os Autores que escreuem, ha-se de interpetrar com suas pedras de sal, porque sendo assi que o bom ensino he a causa que

que mais val, & menos custa, em nenhũa parte campea mais, que entre homês doutos, & que escreuem: porque a palaura desconcertada, que hũa vez pronuncia a lingoa, he sem remedio, como a pedra fora da mão, depois que vay no ar, he sem reparo.

## CAPITULO XX.

Segue-se a mesma materia, tratasse juntamente da fertilidade da Ilha Erythrea.



VER o Autor do exame errasse o da Monarchia, em affirmar estaua a Ilha Erythrea em Lusitania, porque Plinio, com quem allega tem o contrario, segundo elle quer, & diz E assi pera tirar esta duvida, sera bem apontar as palauras de Plinio lib. 4. cap. 22. que são as seguintes. *Gadis longa ut Polybuis scribit, &c. vocatur ab Ephoro & Philistide Erythia, à Thimao, & Sileno Apphrodisias, Abindiginis Iunonis maiorem: Timæus Cotinussam apud eos vocatam, ait nostri Tarteson appellant, pami Gadir, ita punica lingua septem significante: Erythia dicta est quoniã Tyris, ab origine eorum orti ab Erythreo mari ferebantur: in hac Geryones habitasse; à quibusdam existimatur. Sunt qui aliam esse eam, & contra Lusitaniam arbitrentur, eodemq; nomine quondam ibi appellatam.* Destas palauras de Plinio faz o apurador das antiguidades hũa demonstração a seu ver infalivel, dizendo. Pois Plinio affirmã tão distincta, & desenganadamente, q̃ a Ilha de Cadiz, & Erythrea, & a que teue em si a Geryon, toda era hũa, veyã o Autor qual sera o desengano que elle pode dar aos que tem por oppinião,

## Defensão da

Orat.

que a Ilha Erythrea era a de Cadiz, senão confirmarlha: pois falla nellas, com as palauras que delle mostramos, as quaes bem entendidas, isto he o que dereitamente significão; por onde não deixa às vezes de ter algũa razão Oracio, quando diz. *Scribenâ recte sapere est, & principium, & fons.* Estas são as palauras cortesaãs do nosso autor; hũa só couza peço ao leitor tenha na lembrança as palauras de Plinio, a expolição do exame, & o verso de Oracio, que a meu ver foi, *Belerophon tis litteras*, ou por outro modo, *Bubo canit Luscinâ*; Nesta authoridade de Plinio temos muitas couzas que notar, pelas quaes todas passou o apurador das antiguidades sem as apurar como deuera. He a primeira, saber que pouoação foy Catinuza, & Tartello, que he ponto essencial nesta materia. E das palauras de Plinio resolve esta duuida o Padre Mariana nestas palauras. *Mox*

João  
Mar.

*Tartessus nostris Tariffa unde totum fretum Tartessiacum dictam est, & fortassis utrumque nomen a Tharsis, hoc est Carthagine, vel Tuneto manavit, ob frequens quondam Pa-*

Chronic.  
gerel de  
Espanha.

*norum in jis locis comertium.* E a Chronica geral d'Españha diz assi. *Luego se sigue Tartesso, ò como vulgarmente la llamamos Tariffa, de donde todo el Estrecho antiguamete se llamò Tartessiaco, si ya los nombres de Tartesso, y Tarsiac*

João Leão  
discrip de  
Africa

*co no se derivan, y tomaron de Tarsis, que assi se dixo antiguamente Carthago, ò Tunes; pudo ser, se mudassen los nombres a estos lugares por el mucho trato que aquella gente*

Jorge Bra  
lib. 2.  
Strabo, &  
Polybio.

*de Africa tuuo em aquellas partes.* E João Leão na Descripção de Africa diz. *Tunis, & chiamata dalatini Tunetum edagli Arabi Tunus; ma esse tengono questo nome per corrotto vocabulo, perciocche, nelle loro lingua, cosa alcuna non significa. Anticamente questà Cità fù dittra Tarsis, como quell'altra che in Asia, &c.* Jorge Bra in lib. 2. diz. *Tunes urbs Africa vetustissima Straboni atq; Polybio memorabilis,*

*Arabibus*

*Arabibus, Tunus; antiquioribus Tarsis appellata. Hermo-  
lao Barbaro sobre este lugar de Plinio chama a Carthago  
Tarsis, E Florião do Campo lib. 1. cap. 11. tratando de  
Osiris, & Geryon diz. Poco despues buscandosse los unos a  
los otros, de quanta pujança poseian, vinieronse a topa-  
r en el campo de los Hespañoles Tartessios moradores cercanos a  
la boca del Estrecho, que haze nuestro mar, entre las tierras  
Africanas, y Hespanholas, junto con la villa de Tariffa,  
nombrada primeramente Cartheca, despues la dixeron Tar-  
tesso. E dom Thomas Tamayo, trazendo hum de Arriano  
allegado pello mestre Florião, tratando do tempo de Her-  
cules, diz estas palauras. Deste lugar conocera Mantuano  
como se ha de entender el que cita de Arriano lib. 2. de rebus  
Alexand. pues es el mismo que notò aqui o campo, y que no  
se ha como el quiere de aplicar a Cadiz. E Florião cap. 24.  
falando dos Phocenses diz: grande parte dellos quedaron  
en Hespanha, y se mesclaron con los vecinos de la villa de  
Carteya ô Tariffa, caleça, y assiento del senhorio de Argã-  
thonio, y aun es cierto que despues pocos dias començaron a  
mudar el apellido viejo desta villa, y en lugar del nombre de  
Carteya, que primero tuuo los Phocenses nueuamente veni-  
dos la començaron a llamar Tartesso. Ortelio em seu The-  
souro, afirma, que August. Curion, & Goropio Bocano,  
chamão a Tariffa Cartaya, & Tartellus, são estas suas pa-  
lauras. Hac Carteya à Clusio nominatur Carthagena, & ab  
August. Curione, Tariffa cui Bocanes sufragatur, & Tara-  
pha lib. de regib. Hisp. diz. Argantonius ut Herodotus ait  
per hoc tempus in Carteya alio nomine Tartessa vulgo Tari-  
fa vrbe in Bethica Hispania prouincia regabat. O mesmo  
notou Luis Nunez cap. 11. da sua Hespanha: O mestre  
Pedro de Medina lib. das grandezas d' Hespanha cap. 32.  
diz assi. A la parte del Pontente, quanto tres legoas de Al*

*Herm.  
Bar sobre  
este lugar  
de Plin.  
Flor. l. 1.  
cap.  
Dom Th.  
Tam. tra-  
tando hñ  
lugar de  
Arrian.  
Florião de  
Tam. his.  
Ger.  
Arrian. l.  
2 de reg.  
Alex.  
Flor. c. 24  
Orth. in  
Thes.  
August.  
Cur. Ger.  
Beca.  
Taraph.  
l. de Reg.  
Hisp.  
Herod.  
Luis Nu-  
nez c. 11.  
da sua  
Hisp.  
Ped de  
Med. lib.  
das gran-  
dezas de  
Hespan.  
cap. 32.*

## Defensã da

*geriza es la villa de Tariffa, que se llamó primero Carteya, y despues Tartesso:* O mesmo affirma Oroſco no Theſouro da lingua Heſpanhola. Diogo Perez de Meſſa lib. 11. cap. 5. Dom Thomas Tamayo de quem he tudo o que vou dizendo, com Martim Antonio Delrio, em os Cõmentarios de Hercules. Furioſo de Seneca, cujas ſaõ as palauras ſeguintes. *Eadem quidem Carteya, & Tartessus, Plinio, Straboni, ac Mela, nec diſſentit Silius ſi cerioſ. attendas.* Sendo pois aſſi, que Tariffa he Carteya, & Tartesso, nomes que Plinio traz na autoridade que o exame aponta, ja eſte vao ſe não pode paſſar a pé enxuto, que não tenha obrigação o noſſo Autor de nos enſinar qual ſeja aqui a Ilha Erithrea, onde Geryon fez ſua habitação. Porque ſe Plinio diz, que foy o mesmo Tartesso, que Tariffa, como na verdade o affirma lib. 3. cap. 1. a quem fauorece Strabo lib. 3. Pomponio Mela lib. 2. E ſaõ Hieronymo lib. 2. in proæ ſup. Epist. ad Galat. E o mesmo Plinio na mesma autoridade confessa, que Gadir he o mesmo, que Carteya, & Tartesso, não ouuera o apurador das antiguidades paſſar eſte mar tanto de hum ſalto, que nos não explicaffe primeiro eſtas differenças, & não deixarnos às boas noites entre terras aſperas, ſem caminho, nem guia, que nos guié à parte onde o perder não eſteja certo, & o acertar difficuloſo. A ſegunda couſa que podemos notar em Plinio he, dizer o Autor do exame, eſtribado em ſua authoridade foy Cadiz a Ilha onde morou Geryon, por ſer eſta a Erithrea. Ao que reſpondo, não he poſſiuel, porque neste tempo, era Cadiz inhabitauel, & não ouue moradores nella, não digo ja em tempo de Geryon Deabo, ſenão de ſeus filhos, a quem Beroso chama Lomnimios, & nos do nome do pay Geryoës, a razão eſtá clara, ſe he verdadeira a historia que nos conta el Rey dom Affonſo o Sabio, por que

Oroſcon.  
Theſ. da  
ling.  
Heſpan.  
Diog.  
Perez de  
Mel. l. 11  
cap. 5.  
Martim  
Antonio  
Delrio  
in Cõm.  
de Mer.  
furio.  
Plin. l. 3.  
cap. 1.  
Strab. l. 3  
Mel. l. 2.  
D. Hier.  
ſup. epist.  
ad Galat.

Berof. l. 5  
El Rey  
dom Af.  
o Sabio  
cap. 9.  
eſque ad  
31.

que Hispan filho, ou sobrinho de Hercules Orolibio a po-  
uoou, como consta da Chronista del Rey dom Affonso  
desdo cap. 9. té o cap. 13. E por não offender a magesta-  
de de tão excellentè Rey, a verdade de tão justo Principe,  
& ao saber, com tanta razão celebrado de tão grande sa-  
bio, não apontarei pera proua disto outro autor algum,  
porque cõ testemunho tão calificado me satisfaço: cujas  
palavras no Espanhol antigo são as seguintes. *Espan so-  
brinho de Hercules, que fincò por senhor en España anduuo  
por la tierra, & fizola poblar, & endereçar, que era muy mal  
trecha, & destruida, por la gran guerra, que fiziera Hercu-  
les, & como era ome sabio, & entendido, sopo se apoderar de-  
lla, & poblò los puertos de la mar, & muy grandes villas, &  
bunas, & porque era ome que amaua justiça, & fazia bem a  
los omes, amauanlo todos tanto, que assi como Hercules se  
apoderara de la tierra por fuerça, assi este se apoderara della  
por amor: & des que la ouo poblada, & asossegada, escogio  
para su morada a Cadiz, la Isla de Hercules, & esto fizo el  
membrando se de la criança, y del bien que Hercules le fizie-  
ra. Y porque en aquel lugar no auia poblança, ouo de morar  
en tiendas, fasta que fizo una villa pequena en que moraua.  
Este Rey Espan auia una fija fermosa, que auia nombre Ibe-  
ria, & era mucho entendida, & sabidora de Estrelleria, ca la  
ensñara el que era ende mas sabidor que auia en España a  
esta sazón, ca lo apreciara de Hercules, & de Atlas, el su  
estrellero: & por ende ouo com ella su acuerdo de poblar a  
Cadiz, mas era lugar muy peligroso, por tres cosas. Lo pri-  
mero porque no auie abondo de agoa, & la otra por el braço  
de mar que auia de passar por nanió. Y la tercera, porque era  
la tierra tan lodosa, que no podien llegar los omes en inuier-  
no: y sobre esto ouo consejo con su fija, en que manera podia  
poblar aquel lugar: ella aixol que le daria consejo con quel  
orogase*



## Defensaõ da

otorgase, que no la casasse sinon con quien ella quisieste, y el fiandose en ella, & porque tenie que lo dizie por sua pro, otorgogelo. Espan no auie fijo, nin fija que eredasse lo suyo, sinon aquella, eueniengela a pedir Reyes, & altos omes. Lo vno porque era muy fermosa, & muy sezuda, lo al por auie fincado el Reyno a ella: y muchos la vinieron a pedir de esta guisa, con quien ella non quiso casar, & estudo a ssi un gran tiempo de guisa, que el padre era en uergonçadõ, & los omes de la tierra temieronse de su muerte, & pedieronle merced, que casasse su fija, porque quando el finasse, non ficassen ellos sin senhor. E de si venierõla a pedir tres Reyes, fijos de Reyes muy ricos, y con grande algo: el vno era de Grecia, el otro de Escocia, el otro de Africa: el padre poglõ mucho con ellos, & dixoles que fuesen a ella, y de qual dellos se pagasse, que le placiera, y el que gela darie. Ellos figeronlo a ssi como el les dixo y fueron a ella, & despues que cada vno vno dicho su razon, dixoles ella, que viniessen otro dia, y que les daria respuesta a todos en vno. & toueron que era escarneo, pero fizieronlo a ssi, & quando venieron otro die a ella, perguntolles qual dellos la amaua mas, y cada vno dellos dixo por si, que el: entonces dixo ella, que bien tinie que cada vno la amaua, mas que esto entendãria que era a ssi, si fizieffen por ella lo que les derie, y qual dellos antes lo acabasse que con el casarie: ellos dixeron que dixesse lo que querie que lo farian de grado: entonce mostroles, que aquel era el lugar que su padre mas amaua: & dõ querie fazer cabeça de todo el Reyno, & amenos de tres cosas no lo padie fazer, lo vno fer la villa bien cercada de muro, & de torres, & la otra auer puente, por dõ entrassen los omes a la villa, & por dõ vinieste el agoa, la tercera, que tan grandes eran los lodos en el invierno, que no podien los omes entrar alla a menos de auer calçadas, por dõ venieffen sin enuargo: & estas tres cosas q  
tomasse

tomasse cada uno la suya, & el primero que la acabasse, que casarie con ella, & seria senhor de toda la tierra. Ellos quando esto vieron tamanho sauoer auie cada uno de casar con ella que dixeron que lo farien: & embiaron por muchos maestros & con el grande algo que troxeron metieron gran f. moncia, que apoco tiempo fue cerca de acabado, y el que primero acabò, fue el de Grecia, que auia nombre Pirros, y aquel fizie rala fuente, & auie todo el caño fecho pera traer el agoa, & fuesse para lo dueña, dixol como auie su obra acabado, & ella plogol mucho, & otrogol, que casarie con el, mas rogol que nõ dixesse que lo auie acabado, fasta que los otros ouiessem cerca de acabadas sus obras, & entonce que casarie con el, y el & ella acabarien despues mas ligeramento lo que quedasse, & el fizolo assi: & atendio fasta que los otros ouieron cerca de acabado, enton se llamó al Rey, & mostro como auie acabado, & abrio el caño, & dexo venir el agoa a la villa: a el Rey plogol mucho, & casol con su fija, a los otros dio muy grandes dones, &c. Estas saõ as palauras con que o Sabio Rey dõ Affonso nos conta esta historia, das quaes pode julgar qualquer curioso, nõ ouue pouoação algũa em Cadiz, te este tempo que foy muyto despois de Geryon Deabo, pois diz viuião em choças, & que por industria de Iberia se fez a Cidade: donde fica afaz claro, nõ foy esta a Gadiz, ou Erithrea, onde morou Geryon, como quer o Autor do Exame, entendendo á sua vontade a Plinio. Faz tambem poresta parte dizer el Rey dom Affonso nõ auia agoa, nem campos, senão hum puro lamarão. E como ailha Erithrea em que esteue Geryon era tão fertil, & abundante, que se nõ podião fazer queijos do leite dos gados que nella pastauão, sem lhe deitar muyta copia de agoa, pella grossidão delle, como diz Strabo, & saõ os gados della tão gordos, segundo aponta Ambrosio Calepino, que se lhe

*Strab. in geogr. lib. Ambr. Calep.* não tirão do sangue em trinta dias morrem abafados com gordura. E Antonio Beuter l. 1. cap. 9. tratando de Gerião diz estas palauras. *Passò a las Islas, y reconociendo todas las del rededor d' España, pagosse tanto de la Erithrea, que es en la mar de Portugal, por su grandissima abundancia, y fertilidad, que se detuvo mucho en ella, como lo dize Mela.* Dara o autor do exame licença pera que a Ilha Erythrea seja a que diz a Monarchia, sem querer accusar de erro a Pomponio Mella, porque o affirma, & as vltimas palauras de Plinio bem entendidas o confirmão. *Erithrea, diz elle dicta est, quoniam Tirij ab origine eorum orti ab Erithrao mari ferebantur, in hac Geriones habitasse à quibusdam existimatur: sunt qui aliam esse eam, & contra Lusitaniam arbitrentur eodemq; nomine quondam ibi appellatam:* como se differa, algũs tem pera si, que os Geryoës fizerão sua habitação nesta Ilha Erythrea. Mas tambem outros affirmão, que a Ilha Erythrea está sita na Lusitania, chamada pello mesmo nome de Erythrea nos tempos passados, & isto não he affirmar tão destinta, & defenganadamente que Cadiz he a Ilha Erythrea, como explica o nosso Autor, porque se por hũa parte diz que algũs o dizem, tambem por outra conclue está na nossa Lusitania, segundo o parecer de muytos. E bastava affirmar o nosso Rezende no seu *in Vic. 2. Vinc. part. 2. anot. 12.* acompanhado de Estephano, & de Dionisio Alexand. auctores Gregos, & de Pomponio Esteph. & Mella Hespanhol lib. 3. cap. 6. que esteue esta Ilha Erythrea junto ao cabo de São Vicente, como escreue o doutor Frey Bernardo, pera o exame não ter que replicar, & agora julgue o dito de Horacio, *Scribendi recte sapere est principium, & fons.* E a pouca rezão que tem, em ter por mais acertado a João Oliuario, quando diz: *Erithrea vulgo Berlengas;* que ha tantos, & tão graues scriptores, que affirmão

afirmação o contrario. O encôrueniente que traz o autor do exame dizêdo, não he possivel estivesse a Ilha Eryhrea junto ao cabo de São Vicente, porque seria hum milagre da natureza tirar-se hũa Ilha do lugar em que estava. Quanto a mim tem bem pouca força, porque alem de ser isto cousa muy ordinaria, & tão commua, que por tal a não confirmo com exemplos particalares, de que estão cheas as historias, só lhe trarey hum do nosso Portugal, que acôteceo ontem, respectiuamente fallando, em comparação da Ilha Erythrea. El Rey dom Pedro de felice memoria deixou ao mosteiro de Alcobaça, onde está enterrado cõ a sua dona Ines, cada hum em sua sepultura de obra maravilhosa: hũa villa rica, famosa, & muy pouoada, com obrigação de lhe dizerem os Religiosos, como dizem hũa Missa quotidiana; chamasse a villa de Paredes aas nomeada neste Reyno, com muyto grandes vales, campos, & rendas, em tim m. de tão soberano Principe. Mas de tal maneira a anegou o mar, & meteo debaxo de suas agoas, & areas, que senão sabe onde estiuerao casas, muros, ou torres, nem vestigio algum de pouoação em nenhum tempo: nem se tem mais noticia desta villa, que pella doações que el Rey fez ao Mosteiro, & pella Missa que todos os dias lhe dizem os Religiosos delle, & o mesmo sem milagre nenhum podia acontecer a Ilha Erythrea.

**CAPITULO XXI.**

*De quem foy Iupiter Osiris, de suas virtudes, & quanto folgaua de fauorecer os bons, & castigar os maos. Tracasse dos meses que tinha o anno nos tempos antigos.*

## Defensã da



*Pined in  
Monarc.  
Ioão de  
Maria.  
de rebus  
Hispan.  
Viterben.  
Diod. Sic,  
l. 1. c. 2.  
Sabel.  
Æneid.  
1. cap. 3.  
Euseb. de  
firepar.  
Euang.  
Anbr.  
Calep.  
Aug. l. de  
Ciuit. 18.  
cap. 5.  
Ribeir. in  
comment.  
Naum.  
Tib.  
  
Tib.*

A Y o apurador das antiguidades gracejando tanto das virtudes, que o muy docto Padre Frey Bernardo de Britto conta de Osiris, & faz disto tantos caualos pegaços, tantas Durindanas, & tantos Galaores (que por estes termos falla,) que não posso deixar de espantarme, como sendo tão visto na lição de historiadores antigos, & modernos, não tenha lido as Monarchias de Frey Ioão de Pineda, o padre Ioão de Mariana, a Beroso, & o Viterbense, as fol. 132. 154. 156. 157. & 162. E a Diodoro Siculo com quem tantas vezes allega, o qual no lib. 1. cap. 2. como aponta Pineda, affirma foy Osiris (a quem a Scriptura chama Mesraim) tão famoso em todo o genero de virtudes, que se desuellaua por aproueitar o mundo, & fauorecer aquelles que o merecião: tiueram no os Egyptios em tão grande reputação, que com seu nome, honrauaõ o sol, & a lua, porque como diz Sabellico *Æneid* 1. cap. 3. & Eusebio de preparat. Euangel a lua chamarão Isis, & ao Sol Osiris, sendo Rey dos Argiuos. Diz Ambrosio Calepino, & santo Agostinho lib. de ciuita 18. cap. 5 se passou pera o Egypto, aquem deu os primeiros principios, como affirma Francisco Ribeira nos Commentarios sobre o Propheta Naum cap. 3. num. 9. com sua mulher Isis, aos quaes os mesmos Egyptios adorarão por Deuses, & porque lhe ensinou a prender bois ao jugo, laurar a terra com arados, cultiuandoa, & semeandoa, a plantar a vinha, & fazer o vinho: outras cousas muytas que tras Tibulio, lib. 1. eleg. o adorarão debaixo da figura de boy, chamandolhe Apis, que na lingua Egyptiaca significa boy, & depois por discurso do tempo lhe chamarão Setapis, donde disse Tibulio lib. 1. eleg.

*Te canit atque suum, pables miratur Osirim.*

*Barbara*

Barbara. Memphitem plangere docta bouem.

E Marciano in numptijs ad solem.

Marc. in  
numpt. ad  
solem.

*Te se rapim Nilus Nēphis veneratur Osirim.* Foy tão rico & poderoso, que affirma Pineda primeira parte cap. 33 §. 2. que chegou a ser senhor do mundo todo. O mesmo muyto antes disse Beroso nestas palauras. *Osiris inuentis Berof. de a se, & a sorore adolescentula, frumentum, & frugibus, ca- flor. Chal. pit doceri illa in Palestina, inde reuersus in Aegyptum, & inuento aratro, & his quae ad agriculturam pertinent, sensim uniuersum peragrauit orbem, docens quaecumque inuenerat, & ita uniuerso imperauit orbi.* E frey Ioão de Pineda lib. 2. cap. 8. tratando dos cinco diluuios que aponta Xenophonte nos seus Equinocos, & do anno em que Lucidio Samotheu poem o segundo, que foy no tempo de Hercules, & Promotheo, faz esta aduertencia. *No entienda ninguno, que Promotheo aunque Egypcio, & hermano de Atlante Mauro fue Rey de Egypto, pues lo era Osiris: sino que como anduuo mucho tiempo por tierras agenas, dexaua diuersas personas con officios tocantes al buen gouierno de sus Reynos, y a este Promotheo dexo por gouernador en el baxo de Egypto.* E como era tão rico, & poderoso, assi como podia dar premio aos bons, assi lhe era facil castigar os tyranos, em tanto, que em Trasia matou o Tyrano Rey Licurgo, & em Hespanha a Geryon Deabo, em lingua Aramea, na Grega Chryseo, na Latina Aureo, & na nossa Portuguesa d'Ouro, chamado assi pello; grandes thesouros que tyranizou em Espanha. Em Ethyopia leuantou grandes baluartes pera defença das immundações do Rio Nilo, em Asia fundou a Cidade de Nisa, em Macedonia deixou por Rey a Macedon. Em Athenas, encarregou o laurar das terras a Triptolemo: em Palestina ensinou a semear, & colher o trigo, como de tudo he autor

## Defensãõ da

*Pined. ubi* gravissimo frey loão de Pineda na sua Monharchia Ec-  
*supr.* clestiaftica nos lugares que temos apontado, & por todo o  
 discurso de sua historia. Tão notaveis forão as perfeiçõs  
 de Osiris, que as significarão os Egcycios debaixo de hum  
 Hyeroglifo bem auifado: pintavão hum Septro com hum  
 olho no alto d'elle, pello qual entendião a Osiris, como  
*Macob. 1.* affirma Macobrio 1. Satur. 21. & Plutarcho de Ifide, &  
*Satur. 21.* Osiré, no Septro significavão sua justiça, que foy o mais  
*Plutar de* excellente Principe do mundo, segundo diz Diodoro lib.  
*Ofide, &* 4. cap. 1. & no olho sua boa tenção, & vigilancia, como  
*Osiri.* se diz na Chil. 3. proverb. 1. reformadas por Manucio,  
*Diod.* deixo a significação da statua de Osiris em que se mostrão  
*Erasmo.* á clara suas excellencias, a qual podem ver os curiosos  
*Chil. 3.* em Pineda, primeira parte lib. 2. §. 3. & §. 4. & forão tan-  
*proverb.* tas, & tão grandes suas perfeiçõs, & boas obras, que d'elle  
*Pined.* recebeo o mundo, que o adorarão por deos debaixo do  
*Cor. Tac.* nome Apis, ou Serapis, como temos dito, & o notou Cor-  
*S. Aug.* nelio Tacito lib. 20. & o affirma santo Agostinho lib. 18.  
*de civit.* de ciuitate cap. 5. Eusebio lib. 10. de preparat. Euang.  
*Euseb.* Rufino lib. 11. histor. Ecclesiast. & acrecenta santo  
*prepar.* Agostinho, que em todo Egypto se pos pena de morte a  
*Euang.* quem lhe chamasse homeni, & não deos: são as palauras  
*Rufin.* do tanto as que seguem. *Constitutum est etiam de illo ut*  
*D. Aug.* *ubi supr.* *siquis eum hominem dixisset fuisse capitalem penderet panã*  
*& quoniam feré in omnibus templis ubi colebatur Isis, &*  
*Serapis, erat etiam Simulachrum quod digito labijs impres-*  
*M. Varr.* *so aâmonere videretur, ut silentium fieret: hoc significare*  
*Lat. Fir.* *idem Varro existimat, ut homines eos fuisse taceretur.* La-  
*Lud. Cel.* & ancio Firmiano diz de Osiris maravilhas, as quaes o  
*Plut. de* autor do Exame pode ver em Ludouico Celio lib. 5. cap.  
*Ifide, &* 12. & lib. 7. cap. 14. Em Plutarcho de Ifid. E. Ogi. em  
*Osir.* Pineda lib. 11. cap. 33. & nos lugares que acima pontam-  
*Pined.*

mos. Em Ioão de Mariana de Reb. Hisp. Em Beroso, & Marian.  
no Viterbenfe ás fol. 132. & fol. 154. & fol. 156. & fol. *de rebus*  
157. & fol. 162. No mestre Florião do Campo, em sua *Hispan.*  
historia geral, & em Tibulio lib. 1. Elog. 7. onde o faz *Beros. &*  
inuentor das cousas que se contem nestes seus versos. *Viterb.*

*Floriano in  
hist. gen.  
Tibul.*

*Primus aratra manu solerti fecit Osiris  
Et teneram ferro sollicitavit humum  
Primus in experta commisit semina terra  
Pomaque non notis legit ab arboribus.  
Hic docuit teneram palis adiungere vitem  
Et viridem dura cedere falce comam.*

E ja que o Apurador das antiguidades foy tão pouco lembrado em apurar esta, que côfessa de si não sabe onde o Doutor Frey Bernardo de Britto foy buscar os louvores & grandezas que conta de Osiris, não será atreuimento dizerlhe lea estes autores todos, ja que os não tem lido, & depois de estudar melhor este ponto, nos dará relação do que acha, que o Padre Frey Bernardo como escreveu a sua Monarchia Lusitana com lhaneza, & sem imaginação de auer Zoilos no mundo que o encontrassem, não fez caso de acumular autores, em proua do que escreuia, & mais em cousas tão claras, & sabidas, que não pode duuidar dellas qualquer pessoa que tiuer hũa muy pequena noticia de historiadores, assi antigos como modernos. Deixadas as graças, & galantarias que o autor das antiguidades vay dizendo neste capitulo, vamos ao essencial, porque como he graça dizer graças sem graça, & eu tenha pouca, não lhe posso responder com outras semelhantes, porem vindo ao ponto diz o autor do Exame estas palauras. *Sobre tudo tinha Osiris tão bom calete, que sendo conforme a conta*



## Defensão da

da Monarchia de perto de dozentos annos, quando veyo socorrer a Hespanha contra Gerion, ainda passaua com as armas às costas, os descontos, & asperezis de tão largos caminhos. & daua batalhas com tanto brio, esforço, & desenuolitura, que nem dom Galaor lhe fazia ventagem, & he mais de notar, que tudo isto podia fazer em tempo que as vidas ja erão tão descrepitas, &c. Estas são as palauras do nosso autor, mas lembrarlhe eu, que nestas materias seruem mais boas prouas, que galantarias engraçadas. Porque, quem lhe dá pena pella que podia ter Osiris em tão compridos caminhos. Quem o cansa com o trabalho de seus soldados? quem o molesta com as armas que trazia às costas, sendo de dozentos annos? bem veyo he effeito de compaixão, podem não pertence á verdade da historia, pello que ao inconueniente que aponta de não poder trazer as armas às costas, sendo de tanta idade: responde por mim frey Ioão de Pineda lib. 1. Monarch Ecclesiast. cap 33. onde ponderando a razão, de chamarem muytos autores a Osiris moço, sendo de idade de 75. annos diz assi.

*Quanto mas que por aquel tiempo antiquissimo em que beuiam los hombres a quinhentos y a seiscientos annos, com o los beuieron estos (falla de Osiris, & de sua molher Isis) bien les cupo nombre de muçuelos quando andauan en las edades que dezimos. E Ioão Annio Viterbense, ponderando o mesmo sobre o quinto de Beroso: responde estas palauras. Sed hac ambiguitas soluitur ex his que supra diximus. Qui enim Giganteo euo viuebant, ad ducentos annos dicebantur addecentos: ad 40 viri ac iuuenes: ad 60 senes. inde decrepiti. Porro Osiris Giganteum euum cum sorore sequebatur, quippe quòd Isis, ad sexcentos peruenit, vt inferius edocebit noster Berosus. Quer dizer. A esta difficuldade se responde, que aquelles que viuião no euo gigáteo,*

que

Pineda.

Ann. in 5.  
Berosi.

que era a primeira idade depois do Diluio, quando chegauão a dozentos annos, chamauam-lhe mancebos: & os que chegauão a quatro centos, chamauam-lhe varoés, & os que chegauão a seiscentos, chamauam-lhe velhos: & dahi por diante, decrepitos. E como Osiris, & sua mulher Isis, viuerão seiscentos annos, segundo diz Beroso, inda a idade de dozentos não era tão decrepita, que não pudesse trazer armas: & assi não ficão as graças do nosso autor tão engraçadas, como elle cuda, & porque no cap. 15. deste Liuro deixamos prouado com exemplos da Scriptura sagrada de Iosepho, Itido, Hecateo, Agefilao, & Lamio, & outros, viuão os homés naquella primeira idade a 400. 600. & mais annos, não gasto tempo em o prouar de nouo, só resta responder a hum scrupulo que o autor do exame pode allegar por si, dizendo erão os annos daquelles tempos antigos de quatro meses, & não de doze como hoje são os nossos. Confesso que Plinio lib. 7. cap. 49. diz estas palauras. *Annum enim alij aestate unum determinabant, & alterum hieme: alij quadripartitis temporibus sicut Arcades: quorum anni trimestres fuere, &c.* E Alexander ab Alexandro Genia lib. 3. cap. 24. diz o mesmo, afirmando, que os annos dos Egyptios, em hum tempo foram de tres meses, & em outro de quatro. Os Acarnanes contauão o anno de seis meses, porque o inuerno era hum anno, & o Estio outro, & assi dous annos seus fazião hum só nosso. Porem deixadas oppenioés, as quaes neste particular reprobua santo Agostinho lib. de ciuitate 15. cap. 12. dizendo: *Neque enim ullo modo audiendi sunt, qui putant aliter annos illis temporibus computatos, idest tanta breuitatis, ut vnus annus noster, decem illos habuisse credatur. Hoc autem falsissimum esse documento euentissimo ostenditur.* Não se ha de ouuir diz santo Agostinho que imagi-

Beroso.

Plinio.

Alex. ab.

Alex.

Geni.

Aug. de

Ciuitat.

## Defensão da

na que os os annos nos tempos antigos, não erão de tantos meses, como hoje são os nossos. A razão está clara, porque Adão teue perfeita noticia dos dias do anno, pois era perfeitissimo em todas as sciencias, & as ensinou a seus filhos, & netos, que forão grandissimos Astrologos: & contaão o anno no modo que nos hoje o contamos de 365. dias. E Dionysio Tyrano, segundo refere Athenæo lib. 15. cap. vltimo, pera significar os dias do anno, no Pryaneo Tarentino pos húa alampada, na qual ardião trezentos & sesenta & cinco lumes, em significação de ter outros tantos dias o anno: E os Reys de Persia, conforme escreue Euphronio in historicis Commentarijs, trazião trezentos & sesenta & cinco pagês, vestidos de gram, pello numero dos dias do anno: E Macrobio lib. 1. Satur. cap. 9. E Varrão lib. verum human. Dizem que no tempo de Iano, que he Noé, estauão doze altares, pello doze meses do anno. E os Hebreos, pellas doze Luas medião seus meses, como traz Pedro Aguelon Lexouieçe em seu Calendario trilingue: & Bento Pereira sobre Daniel, & in Gen. lib. 13. E assi os seus annos lunares tinhão trezentos & cincoenta & quatro dias, & os solares trezentos, & sesenta & cinco. Dos quaes sem falta nenhúo aprenderão os Egypcios, em cuja significação diz Floro Egypcio, que pintauão húa palma por Hyeroglyphico do anno; porque a palma produz doze palmitos, ou ramos no anno, cada mes hum, & assi ficaua seruindo de symbolo dos doze meses do anno. As doze horas do dia, & as doze horas da noite, affirma Polidoro, as achou Trimigisto por respeito de húa philosophia que este Philosopho obseruou no Cynocephalo; segundo notou Floro Apolo, he este animal húa especie de bogios com a cabeça de Cão, do qual trata Eliano, de differet. animal. lib 7. E assi acerto he

he, que a deuifaõ dos annos, mezes, & dias, como tambem o numero das horas delle, aprenderão Seth, & Enos de Adão; Noé de Matusalem, & de Noé seus filhos, & netos, pello que posto que em algũas partes se perdesse a certeza desta verdade, sempre com tudo se conseruaua naquelles que mais sabião: assi os dias do anno sempre entre os doctos forão de 365. & seis horas, com as quaes se faz o anno bisexto de 366. de quatro em quatro annos; donde fica claro, que o anno dos antigos, tinha doze mezes, os mezes trinta dias, & os dias vinte & quatro horas: & com isto fica respondido á duuida que o nosso autor podia allegar. Viendo pois Osiris 600. annos, não he milagre nenhum poderse menear aos dozentos, por mais que o Exame o queira fazer tão descrepito, que nem com fogo, nem com as armas podesse.

CAPITULO XXII.

*Da conjuração que Tiphon fez contra Iupiter  
Osiris seu irmão, & da morte do  
mesmo Osiris.*



GRANDES argumentos fundados em sua habilidade, & entendimento, nosso autor do exame, nos quer persuadir, ser cousa impossivel, fazerse hũa conjuração contra Iupiter Osiris ( como o conta a Monarchia Lusitana ) *Beros. de ordenada pellos Geryoês Reys de Hespanha, por Lestrigõ Pineda, de seu neto Rey de Italia, & por Thyphon o mayor, irmão Pedro do mesmo Osiris, que o Doutor frey Bernardo aponta, Benter, & tomando de Beroso. Acrescenta mais o exame, que em outros,*

## Defensã da

caso, que os Geryoës reynassem em Hespanha: *Reduzido*, ( diz elle ) o negocio a boa razão , parece que nem elles , nem outros nenhũs tyrannos podião fazer tal conjuração , porque como se pode crer , que fazendo esta gente hũa conjuração tão esfarrapada , faltasse algum dos muytos que sabião della , que desse auiso a *Iupiter Osiris* , que pois era tão virtuoso não podia deixar de ser bemquisto ? E chegando lhe às orelhas : quem duuidana , que auia logo de cingir a *drindoana* , saltar sobre o *hypogrifo* , & em duas voaduras descabeçar todos esses tyrannos , malfeytores , & conjurados ? pello que parece não ser possivel , que elles intētassem cõjuração tão perigosa , &c. Estas são as palauras , rezoões , fundamentos , & Autores , que o exame traz contra a verdade da Monarchia Lusitana. E antes de tratarmos o principal , quero aduertir hũa couza , que as historias , & a verdade dellas , não se regulão per congruencias forjadas no entendimento de quem as quer reprovar , nem se disputa , se são , ou deixão de ser conforme à paixão de cada hum , nem são pontos de *Philosophia* , de que fazamos questões , & argumentos , nem enthimemas Reçtoricos , nem *sylogismos* Logicos. Porque muy contra razão , & justiça , foy fazer Chão zombaria de seu pay o santo Patriarcha Noé , & com tudo sabemos do Texto sagrado que a fez. Contra o amor de filho pera pay era entrar Bruto filho de *Iulio Cesar* , na cõjuração , & morte de seu pay : & com tudo foy dos principaes della , quando não fosse o principal . Quem cudara que as corenta irmãas contra outros quarenta esposos , cõ que casaraõ , sendo elles tambem irmaõs pera os auer de matar todos , na mesma noite em que os receberão , como em effeito fizerão , escapando sò hum ? Donde naceo o prouerbio , *Ægypti Nuptiæ sumptum* . Que quer dizer , beneuolencia enganosa : pello que não está o ponto em ser

ser a historia que se conta conforme a boa razão, pois acõ  
tecerão muytas muy fora della. Este bem tem a historia  
que está liure quem a escreue de a prouar com argumen-  
tos, & não tem mais obrigação o historiador, que conta-  
la segundo a verdade do Autor que segue. Se he así, ou  
não, nem he seu julgalo, nem de outrem reprimendo, mas  
vindo ao ponto mais necessario, vejamos se diz Beroso o  
que aponta a Monarchia, pois o Autor do exame pera a  
impugnar afirma, não disse Beroso, nem o Viterbése, que  
os Geryoés entrarão nesta conjuração, & pera proua de  
sua verdade imaginou, bastauão duas palauras que trouxe  
de Beroso, dizendo. *Tiphon Egyptius omnibus orbis Gy-  
gantibus conscijs fratrem suum Osiridem iustum peremit.* E  
não foy mais com a autoridade por diante, parecendo-lhe  
não aueria no mundo quem soubesse Beroso. Mas pera que  
viua o mundo desenganado; são estas as palauras de Bero-  
so, que immediatamente se vão segundo. *Tiphon Egyp-  
tius omnibus orbis Gygantibus conscijs fratrem suum Osiri-  
dem Iouem iustum Aegyptium peremit, & ipse in Aegypto  
assumit tyrannidem, Busiris in Phœnicia, in Frigia vero,  
alius Tiphon, in Libia, Anteus, in Celtiberia Lomnini, in  
Italia Lestrigones, & in toto mari Milinus Cretensis.* Quer  
dizer. Tiphon Egicio com consentimento, & persuasão  
de todos os magnates, & grandes do mundo, matou a seu  
Irmão Osiris, tomando elle a tyrannia, & Reyno do Egy-  
pto, entrarão nesta conjuração, em Phœnicia Busiris, em  
Frigia Tiphon, o menor, em Libia Anteo, & em Celtibe-  
ria, que he Hespanha, os Lomnimios, que são os Geryoés. *Ioão de*  
Ioão de Viterbo, sobre o mesmo Beroso, afirma quasi o *Viter. lib.*  
mesmo, alegando por sua parte a Seneca de Sacrificijs, *Beros.*  
*Senec de*  
Egytiorn, & a Diodoro, cuja authoridade não trago nest *sacr.*  
lugar, reseruandoa pera o capitulo seguinte. Pero Beuter *Aegyti-*

## Defensaõ da

na Chronica geral de Espanha lib. 1. cap. 10. onde tratando da vingança que Hercules fez pella morte de Osiris seu pay diz assi. *Despues de scurriẽdo por las tierras de los q̃ cupieron en la muerte de su padre, matolos crudamente a todos: y como mas agraviado de los Geryones, por ser de la lea Egypcianos, de linage de los Titanes, &c. E concluy, fueron en fin vencidos, & muertos los tres hermanos Geryones, &c.* Hum autor Espanhol tratando dos tres Geryoẽs diz as palauras seguintes. *Però dexando las fabulas, dize Floriãõ del Campo, que estes trataron con Tiphon hermano de Osiris, que mataste al mismo Osiris, en vengança de Deabo, y por esta causa despues que Hercules Libio vuo vengado en Tiphon la muerte de su padre Osiris, vino en Espanha, y pelleando en batalha con los tres hermanos Geryones, vno empos de otro los vencio y matò.* O padre Ioãõ de Mariana de Reb Hisp. cõta esta historia pellos mesmos termos que a Monarchia, sem mais diferença que escreuer Mariana em Latim, & o nosso Britro em Lingoagem. Floriãõ do Campo em sua historia geral, & frey Ioãõ de Pineda 1. parte lib. 2. cap. 4. §. 8. diz estas palauras. *Auiendo pues sido tal la beuienda del grande Osiris, y el tan grande, que solo Noe por ser padre del linage humano, se le puede preferir, notad bien q̃ muerte le estava guardada. Que su hermano Tiphõ, a quien el tenia puesto en gran senhorio en Egipto, recozido en embidia de le ver ganar honras por el mundo, se carteò con los bijos de los padres que Osiris auia muerto, y le mataron a traicion.* Sobre o capitulo 21. do liuro septimo de santo Agostinho de ciuitate Dei. diz o seu commentador. *Postremo Diodorus Osiridem, quem eundem Bachum fuisse ferunt, discerptũ a Tiphone fratre narrat, datumq̃ vniciq̃ eorum, qui cum Tiphone coniurarent, partem aliquam, quo, & fideliores inter se forent, & Osiris mors melius celeratur. Postea Isis*  
*mariti*

*Marian .  
de Reb.  
Pined.*

*Lud. Vi-  
nes in  
Aug. de  
ciuitate.*

*mariti necem ulta, membra omnia ex cõiuratis recuperavit.*  
 O mesmo santo Agostinho faz menção de Oíris lib. de  
 ciuit. 10. cap. 11. Floriã do Campo primeira parte cap.  
 7. depois de tratar como Hercules em vingança da morte  
 de seu pay matou a Geryon diz así. *Mandò em aquel logar  
 fazer vna torre muy grande, & fixo mezer la cabeça de Ge-  
 ryon en el cimientto, y mandò poblar vna gran ciudad, &  
 fazie escribir los nombres los omes, & de las mugeres, que  
 venien poblar, & vna que vino fue vna muger que auie  
 nombre Cruña, & por esso puso assi nõbre a la ciudad. Gran  
 partida de la gente que el traya fueron de Galacia, & man-  
 doles poblar alli, & por esso fue llamada aquella tierra Gati-  
 zia; y despues que Hercules vuo poblado Galizia, vinoſse  
 contra parte de Mediodia, ribera de la mar fasta hum rio, q̃  
 dizem Ana, que quiere dezir en Grego tanto como Capo.  
 Porque va a logares muy escondidos so tierra, y despues sale  
 y aquel nombre nunca le fue mudado, ni camiado, ante le lla-  
 man agora Gadiana: & por quel semeyo la tierra buena para  
 criar ganados, y otro si para caça, mirò vna gran sazõ, y fi-  
 zo sus juegos, y mostrò grandes alegrias, porque venciera a  
 Gerion, & ganara toda la tierra, de aquel que era ſenhor, y  
 por aquellos juegos que fizo alli, dixerõ algunos, que poſo  
 a aquella tierra nombre Lusitania, que quiere dezir en Ro-  
 mance, tanto como juegos de Ana. O Tostado sobre Euse-  
 bio, trata como veyo Hercules a Espanha, & matou os  
 Geryoës. E Diogo Matute na ſua Proſapia Chriſti ida de  
 ſegunda, cap. 3. faz mênciao de Hercules matar os Gerioës,  
 dizendo. *El nombre de Heſpanha ſe dixo de Hiſpano a quiẽ  
 dexo Hercules en Heſpanha por muerte de los Geryones. E  
 parecera melhor ter o autor do exame das antiguidades  
 lido eſtes autores, que porſe a dizer graças em materias  
 tão graues, onde ſerue mais a authoridade dos Scripores,**

S. August.  
 l. de ciuit.  
 Floriã.

Tostado  
 sobre Eusebio  
 Proſap.  
 Chriſti.



## Defensão da

que no las contão, & escreuem, que galantarias que não tem mais fundamento, que a graça de quem as diz. Pello que lhe peço licença, deixando de parte sua grande autoridade pera acerca desta historia da cõjuração, & morte de Osiris dar mais credito á fingeleza com que nola contão historiadores tão graues, que á elegancia de seu estillo, não o authorizando com historiador que tal conte & auer que a Monarchia escreue esta historia com o saber, & verdade que costuma, pois o que ella nos diz, escreue Beroso, Ioão de Viterbo, Ludouicus Viues, o padre Ioão de Mariana, as Chronicas d' Espanha, santo Agostinho, Florião do Campo, Ioão de Pineda, el Rey dom Affonso o Sabio, Diogo Matute, Pedro Buter, o Tostado, & outros muytos. E com tão bõs testemunhos, & authores tão autenticos, muyta razão teue o doutor frey Bernardo pera escrever a conjuração feita contra Osiris, a morte que lhe deu Tiphon seu irmão, & a vingança que depois tomou della seu filho Hercules Oro libio.

## CAPITULO. XXIII.

*De como Hercules Libio em companhia de Isis vingou a morte de seu pay Osiris, & da grandeza de algũs gigantes que ouue no mundo.*



CONTINVA o Autor do examedas antiguidades com suas graças, & tratádo da vingança que Hercules Libio fez pella morte de Iupiter Osiris seu pay, diz aspalauras seguintes. *Enfim correo por mar, & por terra vinte & seys*

& seys Imperios, tão distantes, & differentes, tão facilmente  
 & com tanto vigor, & dureza de membros, que auia de ser  
 hum gosto velos atravesar vinte & seys Prouincias, desba-  
 ratar vinte & seys exercitos, descabeçar vinte & seys Mo-  
 narchas, & sò a cabeça de Antheon Libio, a quem o nosso au-  
 tor faz ter de comprido setenta couados, era pera se yr ver  
 do cabo do mundo, porque a cada arranco, ou salto que desse,  
 auia de fazer tremer a terra: verdade he que no que toca ao  
 comprimento de Antheon não pos o autor da Monarchia to-  
 da a medida de sua casa, &c. São as marauilhas de nosso  
 Senhor tão grandes, que se não espantarão dellas senão  
 aquelles que as quizerem medir por seu curto entendimê-  
 to; porque a Deos, falando pello nosso toscosayagues, não  
 lhe custa mais criar hum homem de dous couados, que de  
 cento: porque ainda que não queira tudo quanto pode,  
 pode com tudo, tudo quanto quer; & assi não podemos  
 duuidar podosse criar Deos homês de tão excessiua gran-  
 deza: & que os criasse, & ouesse no mundo consta dos  
 autores, porque o glorioso santo Agostinho lib. de Ciuit. *Augusto*  
 15. cap. 9. diz vio com seus olhos hum dente de hum Gi-  
 gante tão grande, que partido em cem parte, ficaua cada  
 hũa dellas sendo tão grande como hum dos nossos. São  
 estas as palauras do santo. *Vidi ipse, non solus sed aliquot  
 mecum, in vticensi litore, molarem hominis dentem, tam  
 ingentem, ut si in nostrorum dentium modulos minutatem  
 consideretur, centum nobis videretur facere potuisse.* Nemrod  
 affirma Methodio era Gigante de dez couados, & de Og. *Methodio*  
 Rey de Basan lemos na Scriptura sagrada Deuter. cap. 3. *Deut.*  
 tinha o leito em que dormia noue couados de comprido,  
 & quatro de largo, & Num. cap. 13. differão os Explora-  
 dores virão na terra de Chanaan, *monstra quadam filiorum* *Num.*  
*Enac, de genere Giganteo, quibus comparati, quasi locusta*  
*videbantur.*

## Defensã da

*videbantur.* E como os Hebreos de sua natureza fossem grandes, em tanto que escreue Iosepho lib. 18. das antiguidades cap. 6. que Arthabano Rey dos Parthos, mandou a Tiberio Cesar hum, chamado Eleazaro, cuja estatura era de sete couados, & se elles fossem todos desta grandeza, & comparados com os Chananeos parecessem lagostas, não podião deixar de serem grandísimos. O autor Supplem. Chroni. lib 3. diz, que Palante filho de Euandro, a quem Turno deu a morte, tinha conforme se achou em sua sepultura, não muyto longe de Roma anno Domini mil & quarenta & hum, segundo conta Tornielo in suis annalib. o corpo mais alto, que os muros mais altos de hũa Cidade. Simphroniano Cãpesio in libro quẽ scripsit hortus Galicus, diz que em Sicilia se acharão os ossos de hum Gigante de tão excessiua grandeza, que o casco sò da cabeça *tritici modium* (saõ palauras de August. Tornielo vbi supra) *comedem caperet*, & ajuntando os ossos todos, & pondo cada hum em seu lugar, tinha o Gigante dozentos couados de comprido. *fides sit apud autores.* O mesmo Campesio diz vio com seus olhos junto a Valença em hum Mosteiro de frades Menores os ossos de hum Gigãte tão grande, que medidos elles, passaua a estatura de quarenta couados. Sollino no cap. 4. nos conta, que em tempo de Lucio Flacco, & Metelo, se achou o cadauer de hum Gigante de trinta & tres couados. O segundo Plinio lib. 7. cap. 16. como aponta Ludouicus Viues. sobre o liuro 5. de santo Agostinho cap. 9. afirma que na ilha de S. Aug. Creta se achou hum Gigante de quarenta & seis couados cujo corpo dizião hũs era de Orion, outros de Oto, *quod alij Orionis, alij Oti fuisse arbitrabantur.* E vindo a Antheo em que consiste o ponto da duuida, diz Plutarcho na vida de Sertorio, que em hum lugar de Mauritania, em a Cidade

Cidade de Tigena, ( así achama Sabellico *Aeneid.* r. lib. 3. cap. 13 ) que agora he Tangere, onde dizem foy sepultado Antheo; cuja sepultura mandou abrir Sertorio, & achou era seu corpo de 60. couados, sexaginta cubitorum. Confesso de mim não são estas historias pontos de fé, por cuja verdade aja de por a cabeça, mas não tenho mais obrigação, que de apontar os autores que as escrevem, se o que dizem he así ou não, non est meum. O que sei, que nem repugna ao poder de Deos criallos, nem a principios de boa Philosophia o poder auellos. E así diz Tertuliano quæst. 48. in Genes. *Ego vero cum audio Scripturam deumque dicentem tradidi Amorrhæum cuius altitudo erat tanquam Cedri, & robur ut quercus arbitror fuisse quosdam prægrandes homines deo, hoc sapienter dispensante, ut cognoscant Deum tanquam Omnipotentem Creatorem, tantam hominis distribuisse mensuram: per facile enim deo erat maiores homines quam sunt creare.* Quando ouço diz Tertuliano na Scriptura sagrada erão os Amorreos tão grandes como Cedros: imagino erão homês grandíssimos, ordenando así a diuina Sabedoria, pera que conhecesse o mundo sua Omnipotentia, & poder infinito, porque tão facil era a Deos criar homês grandes como então erão: como pequenos que hoje são. E Rabbi Abrahão, & Rabbi Auensra, interpretando a palavra Hebreá Nephelim, da qual trasladou o nosso interpetre Gigantes, dizem, que: *significa cadentes: quòd ceteri homines inusitatum corporis eorum vastitatem cernentes stupore simul, & timore oppressi cadebant ante illos* Como se disserão, porque vendo os outros homês corpos tão monstruosos, & grandeza tão excessiua, era tão grande o temor, & espanto que tinham de ver cousa tão disforme, que só sua vista baltava pera cairem a seus pés vencidos de admiração, & medo de ve-

Tertu.

R. Abrah.  
ham.  
R. Auens-  
ra.

## Defensã da

Rauisio.

los. Pello que apontar o Doutou frey Bernardo com Plutarcho, com Antonio Sabellico, & com o Bispo de Girona, & dizer affirmãõ estes autores era Antheo de 60. couados, não era occasiã pera ter por fabulosa a Monarchia Lusitana, porque se nisto ha culpa, culpe a Plutarcho, a Antonio Sabellico, a Rauisio textor em sua Offic. & ao autor Theatri vitæ humanæ tom. 2. lib. 2. que contão estas, & outras semelhantes, & não a Monarchia que os refere. Quanto a dizer setenta & não sesenta, ja temos dito muytas vezes que foy erro do Impressor: & se tão facil como he por hum T. por hum S. Quanto mais que Pedro Antonio Beuter na Chronica Geral de Espanha diz, tinha Antheo 70. couados. Mostra mais o apurador das antiguidades grande lastima, pella que podia trazer a Raynha Isis buscando o corpo despedaçado de seu marido Osiris, & pera aliurar desta pena, ou por encontrar a Monarchia diz, sem alegar mais autor, que sua authoridade, que nunca tal ouue no mundo, nem o corpo de Osiris foy repartido nas partes que diz a Monarchia. Porem pondo de parte, & sem offensa sua digo; que podera lér a Ambrosio Calepin. verb. Osiris. Onde diz estas palauras, tratando de Osiris. *A Stiphone Ægyptio, vel vt ait Seruius à Tiphone fratre clam occisus ab Iside diu quæsitus est. Tandẽ apud Phialam iuxta Syenim laceratus repertus est: curauitq; eum Isis sepeliendum in Abato Insula eius paludis quæ Mẽphi proxima est, quam etiam Stygen idest marem appellauit, nec nisi Sacerdotis certis diebus, eosque mitratos eo accedere voluit.* Quer dizer, foy Osiris morto á treição por Sitiphono Ægyptio, ou como quer Seruio, por seu irmão Tiphon; buscou sua molher Isis o corpo morto, em que gastou muytos dias; depois dos quaes o achou despedaçado em Phiala, junto a Syene, & lhe deu sepultura em Abato Insula

Calep.

to Insula da lagoa que está junto a Memphis, á qual chamou Stigen, que quer dizer tristeza, & não consentio chegasse pessoa algũa á sepultura, senão os Sacerdotes, & elles em certos dias que pera isso tinha limitados. Pedro Antonio Beuter cap. 10. & Pineda, historiador grauíssimo *Pineda.* 1. parte liuro 2. cap. 14. nos conta esta historia tão claramente, que parece a tirou d'elle a Monarchia, sem mais differença, que ser hũa em lingua Portuguesa, & a outra em Castelhana. São estas as palauras de Pineda. *Diuierõ ser 60. los complaces de la muerte de Osiris, pues Thiphon hizo otras tantas partes de su cuerpo, y embio a cada vno la suya, para los tener mas obligados a ser con el contra quieu quisiese vengar aquella muerte.* Theodoretto 1. grac. affec. affirma foy tão grande a diligencia de Isis em recuperar *Theodor.* os pedaços do corpo de Osiris, que Tiphon tinha mandado aos conjurados, que lhe não ficou algum que não cobrasse. Diz mais Theodoretto, que sobre cada pedaço fez Isis hũa imagem de cera com muytas confeiçoões aromaticas, & que as Repartio entre outros tantos Sacerdotes, dizendo a cada hum ficaua d'elle o corpo de Osiris, cuja imagem lhe daua, jurando primeiro não descubrião nunca aquelle segredo, & dandolhe muytas rendas, lhes mandou, que como a Deos lhe offerecessem sacrificios. Sancto Agostinho lib. 6. de Ciuit. cap. 10. aponta em parte, & dá a entender o mesmo, dizendo. *Nam cum in S. Augu. sacris Aegyptijs Osiris lugeri perditum. &c.* Explica o seu comentador estas palauras com as que se seguem. *Cum Osiris à fratre Tiphone esset laceratus penas de Tiphone esset ab Iside, & Oro Apolline accepta, magno cum lutu corpus Osiridis quæsitum est, cum gesseret inuentũ, etiam si dispersum tamen magno gaudio Isis est affecta idque postea instituit, vt quot annis certo tempore cum lacrimis, & eiulatu Osiris*  
*quæretur*

## Defensão da

*quereretur, letitia magnisque ludis celebraretur productus puer, seu inuentus.* Quer dizer; sendo Osiris morto, & despedaçado por seu irmão Tiphon, depois de Isis sua mulher & Oro seu filho tomar delle justa vingança, foy buscado com muytas lagrimas o corpo do mesmo Osiris, & como o achasse inda que espalhado, & repartido por muytas partes, ficou com tudo contentissima, & assi instituyo, & mandou que todos os annos em certo tempo, se ordenasse

*Beros. lib. 5. Annio eod. tom. Theod. lib. 1. grat. affect.* aquella cerimonia de o buscar, & o buscassem com muytas lagrimas, & mostras de grande sentimento, & depois de o acharem, se celebraassem grandes festas, & jogos, em lembrança do gosto, & contentamento que tiuera quando o achou. donde veyo a dizer Lucano.

*Nunquam satis questus Osiris.*

*Pined. 1. part. li. 2. cap. 14. Flor lib. 1. cap. 14. Gar lib. 4. cap. 12. Beros. li. 5. Annus ibidem. Senec. de sacr. Egypt. Diod. li. 1. Laim. li. 1. de ant. Lusit. Geronden se lib. 1. Bent lib. 10.* Replicara o exame das antiguidades, dizendo, não parece conforme a rezão, senão contentasse Tiphon de matar a seu irmão Iupiter Osiris, mas ainda querer com obra tão cruel, como era despedaçalo em 26. partes, mostrar hum effeito de animo crudelissimo: ao que respondo com o que fez Euilmerodacha seu pay Nabucodonosor, o qual como diz Diogo Matute por conselho de Ioachim temendo resuscitasse Nabucodonosor, o fez em 300. partes, & as deu a comer a outros tantos abutres. Confesso me parece muyto bem a compaixão que o nosso autor mostra ter da Raynha Isis, mas no meyo destas magoas lhe ouuera de lembrar o magis a mica veritas, que tantas vezes repete, & se lera a Beroso no liuro quinto, a Ioão Annio no mesmo lugar, Adiodoro Siculo lib. 1. cap. 2. nem ficara tão lastimado, & fora mais acertado seguir o parecer de santo Agostinho, de Theodoreto, de Pineda, Florião, Beroso, Diodoro Siculo, de Seneca, do Viterben- se, Gariuay, Laymundo, do Bispo de Gyrona, & de outros muytos

muytos que escreuem esta historia. Hum inconueniente engraçado traz o autor do exame, contra a Monarchia Lusitana, dizendo, que como não declara que Isis foy a q̄ ajuntou os pedaços do corpo de Osiris, pode cuydar alguẽ era elle inda viuo, quando Isis lhe ajuntou os 26. quartos, que por estes termos falla. Pensamento he este digo de quem se pode dizer com muyta razão, *rem acutetigi*. Porque nũca se vio no mundo morrer primeiro o marido que a mulher. E assi morrendo Osiris primeiro dez annos q̄ sua mulher Isis, foy hũ milagre da natureza fazerlhe sua sepultura, & corre o inconueniente do nosso autor á redea solta, porem se lera em Diodoro o letereiro da sepultura de Isis, não leuantara tão delicado conceito: diz pois o letereiro.

Este Mercurio foy neto de Saturno, que foy Chão, & filho de Osiris Iupiter & de sua prima Maya, filha de Iaphet Athlate, irmão de Cham, & assi Osiris, & Maya ficaram os primos com irmãos.

*Ego Isis sum Ægypti Regina à Mercurio eruditta; quæ ego legibus statui, nullus soluet. Ego sum Ori regis mater: ego sum in aëstro canis refulgens: mihi Bubastia vrbs conaitu est: gaude Ægypte quæ me nutriisti.*

A interpretação do qual he a seguinte. Sou Raynha do Ægypto ensinada por mercurio: as cousas que eu consti-tui por leys, ninguem as quebrará. Sou mulher de Osiris, sou a primeira que inuentou o semear do pão, sou mãy del rey Oro, sou no Ceo a estrellla Canicula, fundouse em n eu louuor a Cidade de Bubastia, alegrete Ægypto de me auer creado em ti. E bem claro se mostra deste letereiro foy Isis mulher de Osiris, & mãy de Oro Libio, a quem não chamara Rey se seu pay Osiris fora viuo, & assi tinha pouca necessidade a Monarchia de fazer declaração, onde erão tão desnecessarias.



C A P I T V L O . X X I I I I .

Tratasse do Promontorio Sacro, & do que quer  
dizer, Os sacrum, com outras  
curiosidade.



OM largos circumloquios trabalha o nosso autor persuadirnos, se chamou antigamente o Cabo de São Vicente Promontorio Sacro, por ser o mayor, que naquelles tempos antigos auia descuberto, & não por outros respeito que aponta a Monarchia. Mas deixadas suas prouas, respondendo, primeiramente com a authoridade de Pomponio Mella lib. 3. capitul. 1. de Situ orbis. *At Lusitania trans Annam, qua mare Atlanticum expectat: primum in genti imputu in altum abiit, deinde resistit, ac se magis, quam Beticam abducit qua prominet bis in semet recepto mari, intra promontoria dispergitur, Anna proximum, quo lata sede procurrrens, paulatim se ac sua latera fastigat, quo Cuneus ager dicitur, sequens sacrum vocat, magnum quod ulterius est.* Bem ve o nosso autor do exame quam clara distincão faz Pomponio Mella neste lugar, entre Promontorio sacro, promontorio Magno. E assi ficão os seus Latins seruido pouco, & menos as frages Gregas, porque dizer que Os sacrum quer dizer osso grande, como diz lhe chamão os Medicos, por ser mayor que os outros que temos *gratis cum fictum est.* porque Os sacrum segundo Galeno, *oritur ex spina quod simul quidem, vel ut fundamentum quoddam esset futurum.* As palauras de Galeno lib. 13. de Vsu partium cap. 7. lit. E. são as seguintes; *quod quidem, os Greco nomine*

Mella.

Galeno.